

ADRIANA CHAVES BORGES

SOBRE O NARCISISMO: UM ESTUDO TEÓRICO-CLÍNICO NUMA
PERSPECTIVA PSICANALÍTICA.



*Dissertação apresentada ao
Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, como
parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Psicologia.*

*Área de concentração: Psicologia
clínica.
Orientador: Prof. Dra. Eva Maria
Migliavacca.*

*São Paulo
2002*

ADRIANA CHAVES BORGES



SOBRE O NARCISISMO: UM ESTUDO TEÓRICO-CLÍNICO
NUMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA.

*Dissertação apresentada
ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo, como
parte dos requisitos para obtenção
do título de Mestre em Psicologia.*

*São Paulo
2002*

T

BF 575, N35

B732A

e. 2

**Ficha Catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca
e Documentação do Instituto de Psicologia da USP**

Borges, A. C.

Sobre o narcisismo: um estudo teórico-clínico numa perspectiva psicanalítica / Adriana Chaves Borges. – São Paulo: s.n., 2002. – 88p.

Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Clínica.

Orientadora: Eva Maria Migliavacca.

1. Narcisismo 2. Ego 3. Relações de objeto 4. Libido 5. Estados emocionais I. Título.

SOBRE O NARCISISMO: UM ESTUDO TEÓRICO-CLÍNICO NUMA
PERSPECTIVA PSICANALÍTICA.

ADRIANA CHAVES BORGES

BANCA EXAMINADORA

NORMA LOTTENBERG SEMER - *Norma Lotenberg Semer*
(nome e assinatura)

REGINA SONIA GATTAS F. DO NASCIMENTO - *Regina Semovely*
(nome e assinatura)

Eva Maria Migliavacca *E. Migliavacca*
(nome e assinatura)
(Orientadora)

Dissertação defendida e aprovada em 06/04/03

*“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos,
e não tivesse amor, seria como o metal que soa
ou como o sino que tine.*

*E ainda que tivesse o dom de profecia
e conhecesse todos os mistérios e toda ciência
e ainda que tivesse toda a fé
de maneira tal que transportasse os montes,
e não tivesse amor, nada seria.”*

**Para minha filha Julia,
que sem perceber me ensinou o
que é o amor.**

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que desde muito cedo acompanharam minhas dores, dúvidas, realizações e alegrias, apoiando minhas decisões, mesmo as mais arriscadas, oferecendo seu amor e compreensão sem limites, minha gratidão mais profunda.

Ao Victor, agradeço por seu apoio e por sua presença, sem os quais certamente seria mais acidentado o meu percurso através da psicanálise. Obrigada também pelo respeito às minhas omissões, que infelizmente sei que não foram poucas.

À Elzinha, Merinha, Lili, ao Alex e à memória da tia Marly, que sempre estiveram presentes e contribuíram, direta e indiretamente, afetiva e materialmente, cada um como pôde e a seu modo durante toda minha vida, serei eternamente grata.

À Ludmila, que me guia incansável pelos labirintos da minha própria mente a procura de mim mesma, meu profundo agradecimento por ter me restituído a vida.

À Adriana Tannús e à Maria Vitória, que tão próximas da minha alma inquieta, compartilharam incertezas, dores, conquistas e grandes momentos, muito obrigada.

À professora Eva, que nos momentos de confusão e dúvida, ajudou a organizar a minha mente; que nos momentos de desânimo e desalento, trouxe uma palavra de incentivo; e que nos momentos mais áridos, ofereceu um alimento para meu espírito com a luz de seu olhar sobre a literatura e a arte, meu enorme agradecimento.

À professora Regina Sônia e ao professor Raul Pacheco que ensaiaram comigo os meus primeiros passos em direção à pesquisa e ajudaram a fazer crescer a semente desta dissertação, meu muito obrigada.

E por fim, agradeço a todos os meus pacientes que diariamente me ensinam a ser um pouco mais analista.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	01
2. OBJETIVO.....	05
3. METODOLOGIA.....	06
4. O NARCISISMO NA OBRA DE FREUD	
4.1: Uma retrospectiva deste conceito.....	11
4.2: Algumas controvérsias sobre a teoria freudiana do narcisismo.....	21
5. AS CORRELAÇÕES TEÓRICAS POSSÍVEIS ENTRE O CONCEITO DE NARCISISMO E A NOÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DO EGO	
5.1: Na vertente freudiana	31
5.2: Na vertente kleiniana	37
6. O NARCISISMO NA CLÍNICA.....	51
7. O MITO DE NARCISO.....	60
8. A ANÁLISE DE UM CASO CLÍNICO	
8.1: Apresentação de sessões.....	68
8.2: Informações transmitidos pela mãe.....	74
8.3: Como entendemos este material clínico com vistas a elucidar o fenômeno narcísico.....	76
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84

RESUMO

BORGES, Adriana Chaves. Sobre o narcisismo: um estudo teórico clínico numa perspectiva psicanalítica. São Paulo, 2002. 88p. Dissertação (Mestrado). Instituto de psicologia, Universidade de São Paulo.

Estuda o narcisismo a partir de três vértices de investigação que são a vivência clínica, a teoria psicanalítica e a mitologia grega. A autora partiu da observação de alguns fenômenos psíquicos que emergem com frequência no relacionamento analítico e constatou que se estes não forem adequadamente trabalhados podem dificultar ou mesmo impedir o bom desempenho da análise. Estes fenômenos psíquicos foram estudados à luz da teoria freudiana do narcisismo e das contribuições oferecidas pela teoria kleiniana das posições e das relações objetais, acrescido de um modelo de investigação representado pelo mito de Narciso, conforme descrito por Ovid nas *Metamorphosis*. Conclui que o narcisismo é um fenômeno psíquico abrangente que está presente em todo o psiquismo humano e percorre um largo espectro que vai da normalidade à patologia, sendo que o surgimento de atitudes narcísicas é inversamente proporcional ao grau de desenvolvimento psíquico. E paradoxalmente, apesar das defesas narcísicas surgirem para suprir a falta de se ter bem constituído um senso de identidade e integridade do Eu, é justamente sua presença e atuação que vai dificultar ou mesmo impedir o próprio desenvolvimento psíquico, criando um círculo vicioso que é importante ser rompido em análise.

ABSTRACT

BORGES, Adriana Chaves. About narcissism: a theoretical clinical study on a psychoanalytical perspective. São Paulo, 2002. 88p. Dissertation (Master's degree). Psychology Institute, University of São Paulo.

This work studies narcissism from three investigative vertices that are: clinical experience, psychoanalytical theory and Greek mythology. The author started from the observation of some psychological phenomena that frequently emerge in the analytical relation and found out that if not adequately worked on, they may make a good analyses' performance difficult or even prevent it. These psychological phenomena were studied according to the Freudian narcissism theory and the contributions offered by the Kleinian theory of the position and object relations with the addition of an investigative model represented by the Narcissus' myth as described by Ovid in *Metamorphosis*. It was concluded that Narcissism is a comprehensive psychological phenomenon that is present in all human psychology and has a large spectrum that goes from normality to pathology, and the arising of narcissist attitudes is conversely proportional to the degree of psychological development. And paradoxically, in spite of the narcissist defenses starting to supply a lack of a well constituted sense of identity and integrity of the self, it is its presence and acting that will make the psychological development difficult or even prevent it, creating a vicious circle that is important to the interrupted during analyses.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escolha do tema desta dissertação partiu da observação da autora de alguns fenômenos psíquicos que emergem não só no dia a dia de seu relacionamento analítico com alguns pacientes em psicoterapia, como também em diversos episódios da vida cotidiana.

A autora percebeu que alguns pacientes, apesar de estarem em análise por vontade própria, tentam demonstrar que não precisam de análise, nutrindo um certo desprezo pelo trabalho analítico e desconsiderando as intervenções do analista. Precisam adotar uma atitude altiva e superior, enumerando com muito gosto seus feitos e suas posses consideradas grandiosas e importantes.

Normalmente estes pacientes são indivíduos solitários que se isolam ou são isolados do convívio social pois têm grande dificuldade para constituir vínculos afetivos e relacionamentos mais profundos. Esta dificuldade é fruto de sua pouca tolerância à realidade e à individualidade do Outro, além de não conseguirem enxergar além das próprias necessidades e desejos, o que faz com que em geral sejam percebidos como pessoas arrogantes e de difícil convivência.

O psiquismo destas pessoas funciona quase que em um circuito fechado onde seus desejos são sentidos como imperativos, e precisam ser atendidos total, imediata e incondicionalmente. Para estes pacientes qualquer frustração é sentida como uma atitude proposital e pessoal do entorno contra eles, que se sentindo atacados e humilhados, podem reagir com uma fúria devastadora. Esta, além de ser uma descarga pulsional é também uma tentativa de controle sobre o mundo externo. Estes pacientes tendem a acreditar que seu ódio é poderoso e esta fantasia muitas vezes é confirmada na realidade, pois amigos e familiares, numa tentativa de aplacar ou evitar a violência e o barulho de suas reações, tendem a ceder e atender seu desejo.

A autora constatou através de sua prática clínica que o comportamento prepotente e altivo, a onipotência, o isolamento, a intolerância à frustração, as erupções de ódio, a necessidade de controle, a incapacidade de perceber e acatar a individualidade do Outro e os dados de realidade, são emergências narcísicas defensivas que funcionam como um escudo protetor contra um sentimento não reconhecido de fragilidade e de incapacidade do ego. Ou seja, na verdade a necessidade de mostrar-se superior e importante esconde sentimentos de inferioridade, a onipotência vem para disfarçar a mal tolerada impotência, o ataque de ódio e a necessidade de controle do objeto, a negação da realidade e a não discriminação Eu-Outro são tentativas de passar uma imagem de força e poder, que em última instância mascaram uma não reconhecida, porém marcante fragilidade psíquica.

A psicanálise explica a emergência deste fenômeno psíquico dentro do escopo da teoria do narcisismo, uma nomenclatura, que segundo Freud (1914), foi utilizada pela primeira vez por Havelock Ellis em 1918 para descrever uma atitude psicológica inspirada no personagem Narciso da mitologia grega.

Narciso, conforme descrito por Ovid nas *Metamorphosis*, era um jovem lindíssimo, caçador dos bosques, que vivia feliz e alheio a tudo e a todos a sua volta, até que ele foi visto por Eco, uma ninfa que se apaixonou por ele. Narciso rechaçou Eco grosseiramente pois não pode suportar o seu assédio e esta definhou devido à frustração e ao ressentimento. Esta atitude de Narciso foi interpretada como prepotente e arrogante, despertando uma terrível premonição que pesava sobre seu destino e vaticinava que ele morreria ao se conhecer. Foi assim que Narciso pela primeira vez se viu no espelho das águas e se apaixonou por sua própria imagem, sem saber que era ele mesmo o rapaz que ele via refletido. Quando Narciso se descobre apaixonado por si mesmo e diante da implacável impossibilidade de dividir-se ^{EM}me dois para viver aquele amor, ele se vê enredado em um conflito insolúvel com a realidade, no qual a plenitude de ser ele mesmo quem ele ama, ao invés de realizá-lo, o empobrecia e Narciso se deixa morrer, acreditando que a morte seria a única alternativa diante de tamanha impotência.

Este mito é o paradigma da teoria Freudiana do narcisismo pois reflete um personagem, que ao contrário do divulgado pelo senso comum, não se arroga qualidades superiores, ou ama somente a si mesmo tratando propositalmente os demais com desprezo e prepotência. Narciso é um personagem mitológico que nos remete ao psiquismo de alguns pacientes que a autora observou na clínica, que não se conhecem, não têm noção de quem eles são, de seus limites e dos limites da realidade e passam flutuando pela vida, acima de tudo e de todos, inconscientemente tentando parecer maiores, mais fortes e melhores do que são e despertando sem se dar conta sentimentos de rejeição e de ressentimento por onde passam.

Nesta dissertação pretendemos estudar o fenômeno narcísico tanto do ponto de vista teórico quanto clínico a partir de estudos já realizados em psicanálise sobre este tema, acrescidos de algumas observações clínicas e de um olhar sobre o mito de Narciso, que deve ser útil como um modelo de investigação, assim como foi para Freud.

No plano teórico, a autora fará primeiramente uma retrospectiva da noção de narcisismo na teoria de Freudiana, seguido de uma apreciação das controvérsias que surgiram em torno deste tema, pois como teremos a oportunidade de verificar, a teoria de Freud sobre o narcisismo não é linear ou mesmo inequívoca.

A primeira vez que Freud usou o termo narcisismo foi em 1911 nos estudos sobre a infância de Leonardo da Vinci e no caso Schreber, mas em 1914 ele dedicou um estudo especial a este tema intitulado *Sobre o narcisismo: uma introdução*, definindo em linhas gerais o narcisismo como um investimento libidinal do ego. Esta noção de narcisismo foi cunhada dentro do escopo teórico da primeira tópica e foi totalmente modificada com a introdução da segunda tópica, passando o narcisismo a ser definido como a libido que flui dos objetos para o ego devido à identificação.

As controvérsias em torno da noção de narcisismo surgiram não só com a introdução da segunda tópica mas principalmente porque nesta e em outras ocasiões, como por exemplo em 1938 no *Esboço de Psicanálise*, Freud simplesmente alterou conceitos relevantes sem sequer fazer alguma referência à teorização anterior, o que

gerou muitas dúvidas que persistem até hoje na teoria psicanalítica. Além disto, alguns conceitos como o de narcisismo primário, reservatório de libido e a hipótese da existência de uma fase anobjetal do desenvolvimento psíquico são postulados difíceis de serem apreendidos na realidade clínica ou cotidiana.

A partir de sua vivência clínica, a autora observou que algumas atitudes narcísicas surgem como uma atividade mental defensiva com o intuito inconsciente de suprir a falta de se ter constituído um firme e integrado senso de identidade que permita ao indivíduo sentir-se verdadeiramente capaz, valoroso e de posse de suas capacidades psíquicas e pessoais. Com o intuito de explorar esta constatação clínica a autora deverá trazer além da contribuição teórica de Freud e de alguns autores pós-freudianos, alguns dos desdobramentos oferecidos pela teoria kleiniana das posições e das relações objetais, paralelamente à apresentação e interpretação de algumas sessões dos primeiros meses de análise de um garoto de sete anos, vivenciado no consultório da autora.

Finalmente vamos verificar que a emergência de atitudes narcísicas, além de ser uma defesa inconsciente contra falhas de desenvolvimento e integração do Eu pode se transformar em um fenômeno que dificulta ou mesmo impede o desenvolvimento psíquico, criando um círculo vicioso de imaturidade e fragilidade psíquica, intolerância à frustrações, onipotência, negação da realidade e da individualidade do Outro, isolamento e ódio que precisa ser rompido em análise.

A autora então conclui que somente a construção de um senso de identidade e de um sentimento de força do próprio Ego é que permitirá ao homem abrir mão de todo o arsenal de defesas narcísicas e inicie um processo virtuoso que inclui maior percepção da realidade, maior discriminação Eu-Outro, maior capacidade de zelar de si mesmo e dos seus objetos significativos, e a possibilidade de melhor tolerar a impotência e a dor de se perceber responsável pelos próprios sentimentos.

2. OBJETIVO

2. OBJETIVO

Através desta dissertação pretendemos conduzir um estudo teórico-clínico acerca das possíveis correlações entre narcisismo e amadurecimento psíquico. A autora pretende investigar as possíveis relações no plano teórico entre a constituição da identidade (conceito de ego) e a noção de narcisismo, e no plano prático entre o desenvolvimento ou amadurecimento psíquico e a emergência maior ou menor de atitudes ou comportamentos narcísicos. Na teoria, a autora transitará dentro do conceito de narcisismo secundário de Freud acrescido das contribuições da teoria Kleiniana das posições esquizo-paranóide e depressiva. E através da observação a autora trará alguns recortes de sua vivência da análise dos 9 primeiros meses de análise de um garoto de 7 anos em seu consultório. E como dissemos anteriormente, incluiremos um modelo de investigação, o mito de Narciso, com o intuito de melhor visualizarmos este fenômeno psíquico que estamos tentando descrever.

3. METODOLOGIA

3. METODOLOGIA

Como definimos, esta dissertação é uma pesquisa teórico-clínica e para conduzi-la, deveremos adotar o método qualitativo de pesquisa em psicanálise.

A pesquisa qualitativa, de acordo com Parker (1996), é um estudo, uma elaboração e uma sistematização a respeito de um fenômeno delimitado. É um processo de interpretação de um problema específico no qual a figura do investigador é muito importante, pois inevitavelmente em Psicologia, o pesquisador pode ter muito em comum com seu objeto de pesquisa: é um homem investigando o psiquismo humano. Como a mente humana e as relações humanas se transformam ao longo do tempo, a pesquisa qualitativa é por natureza não conclusiva e dinâmica, a interpretação dos dados é na verdade um processo de interpretação: uma ponte entre o pesquisador e o mundo e os objetos e suas representações, que deve se adequar às transformações que ocorrem ao longo do tempo na percepção e na relação do investigador com seu objeto de estudo.

Freud (1915) já fazia as seguintes considerações:

Ouvimos com frequência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com estas definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas idéias abstratas ao material manipulado, idéias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais idéias - que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência - são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim, rigorosamente falando, elas são da natureza das convenções - embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos

reconhecê-las e determiná-las claramente. Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa vasta área. Então, na realidade, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive se tratando de definições. A física proporciona excelente ilustração da forma pela qual mesmo "conceitos básicos", que tenham sido estabelecidos sob a forma de definições, estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo. (p.123).

Cabe ainda lembrar que de acordo com a concepção psicanalítica do homem, o psiquismo humano não é redutível à consciência: o homem vive e se relaciona também sob a influência de motivações inconscientes, que não são direta ou objetivamente perceptíveis ou apreendidas. Trata-se de uma realidade ou um fenômeno psíquico que emerge no interior do encontro analítico e que somente pode ser capturado pelo analista se naquele exato momento em que surgiu, algo se conectar e tomar forma na mente do analista, configurando-se em um sentido que pode ser comunicado ao paciente. Estes fenômenos são particulares a uma dupla analítica e nisto reside uma grande dificuldade da psicanálise, pois estes acontecimentos não são passíveis de serem replicados e observados por outros pesquisadores. No entanto é possível que o pesquisador identifique em sua clínica um fenômeno psíquico semelhante a outros já observados, descritos e confinados em uma teoria por outro pesquisador, que assim procedeu a partir de sua própria experiência clínica e formação teórica.

Na confecção desta dissertação o procedimento não foi diferente: a autora observou diversos fenômenos psíquicos que emergiam persistentemente no seu relacionamento analítico com alguns de seus pacientes em psicoterapia e os correlacionou com aqueles que já vêm sendo estudados em psicanálise desde Freud, que pela primeira vez em 1914 e depois em diversos momentos posteriores os sistematizou sob o conceito e dentro do corpo teórico do narcisismo.

Apesar do conceito de narcisismo ter sido amplamente estudado em psicanálise e apesar dele se referir à observação de um conjunto de fenômenos psíquicos e atitudes comportamentais correlatas frequentes não só na clínica como também na vida cotidiana, a noção de narcisismo ainda é objeto de diversas controvérsias teóricas,

como teremos a oportunidade de verificar no decorrer desta dissertação. Não nos propomos a tomar partido nesta polêmica questão ou mesmo incendiar mais as discussões, mas apenas lançar mais uma luz sobre a complexidade deste tema, tentando fazer um apanhado da teoria freudiana do narcisismo, pontuando algumas questões mais discutíveis, verificando a opinião de alguns autores pós-freudianos sobre elas e principalmente, pretendemos recortar um único aspecto que julgamos relevante dentro do largo espectro da teoria do narcisismo e discuti-lo a partir de nossa observação clínica e fundamentação teórica psicanalítica.

Com o intuito de melhor comunicar nossas idéias e enriquecer esta pesquisa, gostaríamos de acrescentar à observação clínica e ao embasamento teórico um modelo de investigação da mitologia grega. Este recurso, como sabemos, não é novidade em psicanálise. O próprio Freud em diversas ocasiões se valeu da mitologia para melhor esclarecer ou fornecer ao leitor uma imagem concreta e universal correspondente ao fenômeno psíquico que ele estava descrevendo. Veremos que em 1914 Freud fez uma correlação direta entre o conceito de narcisismo e o personagem mitológico Narciso, que se tornou o paradigma freudiano do narcisismo.

Não é por acaso que a mitologia grega vem sendo amplamente utilizada como um modelo de investigação em psicanálise: como veremos, os mitos emergiram da necessidade do homem grego de dar uma explicação e um significado não só para seu mundo externo inóspito, imprevisível e pouco compreensível, bem como para seu mundo interno igualmente desconhecido e inapreensível. O homem grego se inspirou na vida e nas suas incertezas, nas suas dores ou alegrias, nas suas glórias ou infortúnios, no seu medo e na sua coragem, e de sua elaboração interna destes fenômenos brotaram os mitos, uma expressão de vida que sobrevive até hoje. Sentimos que a leitura da mitologia grega é reveladora, pois a partir dela podemos instantaneamente formar na mente uma imagem quase concreta de diversos episódios e nuances do psiquismo humano que vivenciamos no nosso cotidiano que são difíceis de descrever em palavras, dado o grau de subjetividade e complexidade dos fenômenos mentais.

Melhor dito, os mitos, pela própria polaridade que encerram, nos permitem visualizar em toda sua extensão e de forma profundamente contundente, desde as piores

mazelas até o maior esplendor da natureza humana: talvez o limite onde o homem pode chegar dependendo do caminho que puder escolher. Migliavacca (1992) chega à seguinte conclusão em sua tese de doutorado:

(...) a mitologia grega, quando encarada como fonte original de reflexões sobre as contradições da existência humana, amplia imensamente a compreensão da vida psíquica e, em consequência, contribui para o trabalho clínico psicanalítico e para o enriquecimento da psicanálise. (p.7).

Sintetizando, para conduzir esta pesquisa a autora deverá se valer de três instrumentos de pesquisa em psicanálise. Primeiro, um vértice teórico que é a teoria freudiana do narcisismo secundário, acrescida das contribuições de Melanie Klein sobre o desenvolvimento psíquico do homem; segundo, um modelo de investigação extraído da mitologia grega, com a apresentação do mito de Narciso descrito por Ovídio nas metamorfoses; e por último, mas não menos importante, posto que foi na verdade o início, a observação clínica. A autora trará um caso clínico vivido em seu consultório e que foi também objeto de supervisão, que será introduzido com o intuito de ilustrar como a questão aqui delimitada começou a povoar a mente da autora e acabou se tornando a semente desta pesquisa. O trabalho de investigação dar-se-á através da apreensão e avaliação dos movimentos transferenciais e contra-transferenciais observados ao longo dos primeiros sete meses de análise de um garoto de 7 anos. Estes serão relatados conforme se apresentaram para a autora e puderam ser por ela apreendidos no momento em que ocorreram, acrescidos de suas reflexões posteriores sobre estas experiências. Alguns dados concretos que poderiam identificar o paciente por ele mesmo no futuro ou por um terceiro que leia este trabalho, serão devidamente maquiados de forma que não prejudique a nossa transmissão do conteúdo dos movimentos psíquicos, e ao mesmo tempo preserve a privacidade do paciente e o sigilo da clínica.

De acordo com Safra (1994), um dos questionamentos pertinentes ao método clínico de pesquisa psicanalítica com a análise de um caso clínico é a exatidão da apresentação dos dados. Segundo o mesmo autor, é impossível registrar todas as nuances do encontro analítico, pois há inúmeras variáveis presentes na sessão. Por isto, o relato da sessão ou de alguns momentos dela "são apenas um modelo, construído a

partir de um certo recorte do que realmente ocorreu na sessão” (p.55). Ou seja, talvez a única forma de manter a objetividade em uma pesquisa com trabalho clínico é ter em mente que sempre que é selecionado um determinado momento de uma determinada sessão, a escolha se faz em função do fenômeno que o pesquisador está investigando, das concepções teóricas que o analista utiliza em seu trabalho e também em função da formação pessoal e profissional do pesquisador. Afinal, como já colocamos acima, o pesquisador é um ser humano que pretende ser analista do psiquismo humano, e na pesquisa qualitativa, investigador e investigado podem muitas vezes se confundir. E este risco apenas pode ser mitigado através da evolução psíquica do próprio pesquisador, que segundo Safra, deve necessariamente contar com sua análise pessoal e com a supervisão de seus atendimentos clínicos.

Para concluir, gostaríamos de pontuar que como a evolução psíquica do pesquisador psicanalista também é um processo ininterrupto e constante de evolução, poderíamos dizer que neste momento, dentro de seus limites atuais de percepção dos fenômenos mentais e de sua capacidade e dom para transmiti-los, a autora pretende que este trabalho possa contribuir de alguma forma para incrementar o diálogo entre a teoria e a clínica psicanalítica.

4. O NARCISISMO NA OBRA DE FREUD

“Tentar reunir numa interpretação sintética o conjunto das figuras ou dos estados descritos por Freud sob a denominação de narcisismo não é uma tarefa necessariamente realizável. As contradições que podemos perceber deixam o narcisismo em aberto”

André Green

4. O NARCISISMO NA OBRA DE FREUD

4.1) UMA RETROSPECTIVA DESTE CONCEITO

Freud tece suas primeiras considerações a respeito do narcisismo em 1910 dentro do escopo de um estudo sobre a infância de Leonardo da Vinci e posteriormente em 1911, quando ele escreve o caso Schreber. Quando concebeu estes trabalhos, Freud não estava diretamente interessado no narcisismo, mas foi através da observação da dinâmica psíquica da homossexualidade (Leonardo) e da paranóia (Schreber) que Freud postulou que o narcisismo seria *uma fase do desenvolvimento libidinal e sexual do homem*, que se situava entre o auto-erotismo e o amor objetal. Para Freud, tanto a paranóia, quanto o homossexualismo seriam distúrbios do desenvolvimento da libido, fruto da fixação desta em uma fase narcísica, o que impediria o indivíduo de se desenvolver em direção ao amor objetal.

Três anos depois, Freud (1914) dedicou um estudo especial ao narcisismo, intitulado *Sobre o narcisismo: uma introdução*, vindo alterar substancialmente sua visão a respeito deste tema. Foi principalmente através da análise das parafrenias¹ e a hipótese da mobilidade da libido nesta afecção psíquica, que Freud passou a conceber o narcisismo como *um investimento libidinal do ego*.

Em 1914, todos os pilares teóricos da psicanálise se sustentavam na premissa básica da primeira tópica² segundo a qual o aparelho psíquico é topograficamente

¹ Freud chama de parafrenia o que já era conhecido naquela época como demência precoce (Krapepelein) ou esquizofrenia (Bleuler) (1914,p.82)

² De acordo com Laplanche e Pontalis (1995), tópica é “uma teoria ou ponto de vista que supõe uma diferenciação do aparelho psíquico em certo número de sistemas dotados de características ou funções diferentes e dispostos numa certa ordem uns em relação aos outros, o que permite considerá-

dividido em dois sistemas, o Inconsciente (Ics.) e o Pré-consciente-consciente (Pcs.-Cs.). O Ics. da primeira tópica, segundo Laplanche e Pontalis (1995), é um sistema psíquico organizado e dinâmico, que foi constituído por conteúdos recalçados, formados basicamente por desejos infantis, cujo acesso aos sistemas Pcs.-Cs foi censurado. Estes conteúdos são representantes das pulsões e regidos pelos mecanismos próprios do processo primário, principalmente a condensação e o deslocamento³.

Na visão de Freud (1905), ao nascer, o homem é apenas um organismo biológico, cuja mente está dominada por pulsões auto-eróticas fragmentadas e em estado anárquico. As pulsões seriam os representantes psíquicos de fontes somáticas de estimulação, que estão presentes desde o início da vida do homem. De acordo com a teoria freudiana, as pulsões não possuem qualidade alguma, mas têm uma natureza própria, uma fonte e um alvo. A fonte da pulsão seria um processo excitatório em um órgão, o alvo é a supressão deste estímulo orgânico, e a natureza poderia ser sexual ou de autopreservação⁴.

Freud (1905) observou que o bebê ao sentir uma sensação física desconfortável que ainda não pode ser reconhecida por ele como sendo de fome, impulsionado pela pulsão de autopreservação, suga o seio oferecido por sua mãe (ou representantes dele). Ao ser amamentado o bebê além de satisfazer sua fome, sente prazer no ato de mamar, levando Freud a postular que no início da vida a mais primitiva satisfação sexual se confunde com a nutrição, e a pulsão sexual passa a ter um objeto fora do corpo da criança, o seio materno.

los metaforicamente como lugares psíquicos de que podemos fornecer uma representação figurada espacialmente" (p.505).

³ Segundo Laplanche e Pontalis (1995): "O estudo da formação dos sintomas e a análise dos sonhos levam Freud a reconhecer um tipo de funcionamento mental que apresenta seus mecanismos próprios, que é regido por certas leis e é muito diferente dos processos de pensamento que se oferecem à observação psicológica tradicional. Este modo de funcionamento, particularmente evidenciado pelo sonho, caracteriza-se não por uma ausência de sentido, como afirmava a psicologia clássica, mas por um incessante deslizar de sentido. Os mecanismos em ação são, por um lado, o deslocamento – pelo qual, a uma representação muitas vezes aparentemente insignificante podem ser atribuídos todo valor psíquico, o significado e a intensidade originalmente atribuídos a outra – e, por outro lado, a condensação – numa representação única podem confluir todos os significados trazidos pelas cadeias associativas que se cruzam ali." (p.372).

⁴ Neste momento de teorização, pois futuramente Freud vem alterar esta sua concepção.

Em suas palavras (1905):

A primeira e mais vital das atividades da criança - mamar o seio materno (ou em seus substitutos) - há de tê-la familiarizado com este prazer [sexual]. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. (p.171).

O nascimento psíquico do homem se daria segundo Freud (1914), apenas posteriormente ao nascimento biológico do bebê, com o surgimento do ego, que aparece como uma entidade que vai unificar as pulsões parciais e auto-eróticas, formando o narcisismo primário, que é um *estado* precoce de constituição do ego, em que toda a libido⁵ fica concentrada no próprio ego. Nas palavras de Freud (1914):

Uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem que ser desenvolvido. As [pulsões]⁶ auto-eróticas, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo -

⁵ "Estabelecemos o conceito da libido como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual. Diferenciamos essa libido, no tocante a sua origem particular, da energia que se supõe subjacente aos processos anímicos em geral, e assim lhe conferimos também um caráter qualitativo. Ao separar a energia libidinosa de outras formas de energia psíquica, damos expressão à premissa de que os processos sexuais do organismo, diferenciam-se dos processos de nutrição por uma química especial. A análise das perversões e das psiconeuroses levou-nos à compreensão de que esta excitação sexual é fornecida não só pelas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo. Chegamos assim à representação [Vorstellung] de um quantum de libido a cujo substituto [vertretung] psíquico damos o nome de libido do ego, e cuja produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento devem fornecer-nos possibilidades de explicar os fenômenos psicosexuais observados." (Freud, 1905, p.205).

⁶ Na Standard Edition das Obras Completas de Freud, de onde buscamos esta citação (ver bibliografia), a tradução do termo em alemão "trieb" para o Português foi feita com a palavra "instinto". No entanto, neste trabalho, todas as vezes que o termo instinto aparecer, trocaremos para "pulsão", seguindo Laplanche e Pontalis. Segundo estes autores (1982, p.242), quando Freud quer se referir a instinto, usa o termo em alemão "instinkt" ao invés de "trieb", que quer dizer pulsão. Ou seja: "vemos que Freud usa dois termos que podemos opor claramente, embora não tenha atribuído papel explícito a esta oposição na sua teoria. Na leitura psicanalítica, a oposição não se manteve sempre, muito pelo contrário. A escolha do termo instinto como equivalente em inglês ou francês de "Trieb" não só é uma inexatidão de tradução como ameaça introduzir uma confusão entre a teoria freudiana das pulsões e das concepções psicológicas do instinto animal, e apagar a originalidade da concepção freudiana, particularmente a tese do caráter relativamente indeterminado do impulso motivante e as noções de contingência do objeto e da variabilidade das metas." (Laplanche & Pontalis, 1982, p.242).

uma nova ação psíquica [o ego] - a fim de provocar o narcisismo (p.84).

Então Freud (1914) conjecturou que a libido que no início estava totalmente concentrada no ego, no estado inicial do narcisismo primário, poderia partir e investir os objetos. Mas da mesma forma que a libido pode investir objetos externos, ela pode ser deles retirada e retornar ao ego. Ou seja,

(...) há um [investimento]⁷ libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com os [investimentos] objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz (...). Tudo que observamos foram emanções desta libido - os [investimentos] objetais, que podem ser transmitidos e retirados novamente. Também vemos, em linhas gerais, uma antítese entre libido do ego e libido objetal. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. (p. 83).

Assim, segundo Freud (1914), se o desenvolvimento libidinal segue dentro da normalidade, as escolhas de objeto futuras se darão segundo o modelo do primeiro amor, que foi a relação libidinal com a mãe ou alguma figura substituta, e o sujeito poderá constituir o que Freud denominou de uma relação objetal anaclítica ou por apoio. Ao contrário, se a pessoa sofre algum distúrbio em seu desenvolvimento libidinal no início da vida, as suas futuras relações objetais serão predominantemente narcísicas, ou seja, o indivíduo tomará a si mesmo como objeto de amor.

Freud (1914) chegou a estas conclusões principalmente a partir da análise de pacientes parafrênicos, observando como são megalomaníacos e têm tendência para retirar seu interesse do mundo externo. Estas duas características estão intimamente correlacionadas, pois para Freud, a megalomania surge *a expensas* da libido, que liberada pela frustração, é parcialmente retirada dos objetos, se instalando no ego. Freud então conclui:

⁷ Na tradução das Obras Completas de Freud da Standard Edition de 1969, ao invés da palavra investimento, aparece o termo *catexia*. Preferimos utilizar o termo investimento acompanhando Laplanche e Pontalis (1995) que ponderaram que a palavra alemã "*Besetzung*" tem diversos sentidos e não há uma exata coincidência entre o termo em alemão e o em português. Preferimos a

A libido afastada do mundo externo é dirigida para o ego e assim dá margem a uma *atitude* que pode ser denominada de narcisismo [secundário]. (p.82).

Os investimentos libidinais do ego podem permanecer no ego (narcisismo) ou fluir para os objetos (relações objetais), o que não significa que os investimentos são somente no ego ou nos objetos: há um balanceamento, quando um aumenta, o outro empobrece. Ou seja, para Freud, a libido narcísica não será totalmente superada pela libido objetal, o que transforma o narcisismo em uma estrutura permanente no psiquismo humano.

Freud em 1914 introduz uma alternativa para o narcisismo, sob a forma de um ego ideal⁸. Segundo Freud, como é muito difícil para o homem abrir mão de uma satisfação anteriormente experimentada, representada pelo narcisismo infantil, ele procura tê-la de volta através de um ego ideal. O desenvolvimento do ego, para Freud, corresponde a um afastamento progressivo do narcisismo primário, mas por outro lado, dá espaço para uma tentativa do ego de recuperar este estado. Nas palavras de Freud (1914):

Esse ego ideal é agora alvo do amor de si mesmo (*self-love*) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcísica de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta

palavra investimento pois do nosso ponto de vista, o substantivo investimento reflete melhor o sentido econômico que Freud quis dar ao termo.

⁸ De acordo com Laplanche e Pontalis (1995), o termo "ego ideal" surge em 1914 para significar "um ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil" (p.139). Além de ego ideal, Freud usa o termo ideal de ego, mas não faz nenhuma distinção conceitual entre eles, como posteriormente vieram a fazer alguns autores pós-freudianos. Em 1923 o ideal de ego é apresentado como sinônimo de superego para definir uma "instância da personalidade resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com seus substitutos e com seus ideais coletivos" (p.222)

diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu próprio ideal. (p.100).

Freud fala então da “auto-estima”, dizendo que uma primeira parte dela é primária, resíduo do narcisismo infantil; uma segunda parte é fruto da onipotência adquirida através da satisfação na realidade do ideal de ego e uma terceira e última parte advém da satisfação da libido objetal. O problema é que o ideal de ego, funcionando como um censor, dificulta a satisfação da libido por meio de objetos, sendo que estes podem ser rejeitados quando não correspondem ao ideal que se formou.

Para Freud (1914), as dificuldades para o amor objetal são enormes pois o amor em si reduz a auto-estima, sendo a libido destinada aos objetos sentida como um “grave esgotamento do ego” (p.106), que só pode ser recuperado através de um amor correspondido, quando o objeto, em contrapartida, deveria repor a carga libidinal perdida.

As dificuldades são ainda maiores se considerarmos a possibilidade de uma escolha⁹ amorosa nos moldes do ideal de ego, pois para Freud (1914), o indivíduo

(...) amará o que foi outrora e não é mais, ou então o que possui as excelências que jamais teve. A fórmula paralela à que se acaba de mencionar diz o seguinte: o que possui a excelência que falta ao ego para torná-lo ideal é amado. Este expediente é de especial importância para o neurótico, que por causa de seus excessivos [investimentos] objetais, é empobrecido em seu ego, sendo incapaz de realizar seu ideal de ego. Ele procura então retornar, de seu pródigo dispêndio da libido em objetos, ao narcisismo, escolhendo um ideal sexual segundo o tipo narcisista, que possui as excelências que ele não pode atingir. (p.107).

De acordo com Laplanche e Pontalis (1995), Freud usa a palavra ego desde os primórdios da psicanálise, mas utilizava o termo de forma difusa, definindo-o como a personalidade do indivíduo como um todo. Com a evolução da teoria freudiana, o

⁹ O verbo escolher não dá o sentido exato que gostaríamos de exprimir, pois a escolha que a que Freud se refere não é fruto de reflexão ou vontade expressa, mas sim determinada pelas primeiras experiências libidinais do sujeito, que não estão sob seu controle consciente.

ego deixa de ser o conjunto do indivíduo para ser apenas uma parte de seu aparelho psíquico, considerado em suas dimensões biológica (ego corporal, organismo) e psíquica. A noção de ego sofreu sucessivas renovações, principalmente em 1914 com a Introdução ao Narcisismo, em 1915 / 1917 com Luto e Melancolia e depois em 1923, com O Ego e o Id.

O período compreendido entre 1900 e 1915, pode ser considerado segundo Laplanche e Pontalis (1995), como um período de hesitação com relação ao conceito de ego, quando Freud estava preocupado com o conflito entre o ego do prazer x o ego da realidade. O princípio da realidade é imposto ao ego, que motivado pela pulsão de autopreservação, seria responsável pela decisão de abrir mão do princípio do prazer mediante um dado de realidade¹⁰ inexorável. Assim, na descrição do conflito defensivo, o ego fica sendo desde já o portador da atribuição de ser uma instância que se opõe ao desejo.

Em Luto e Melancolia (1917), Freud dá ao ego um contorno diferente devido à identificação. Na medida em que um objeto perdido pode ser incorporado ao ego através da identificação e da introjeção, o conflito para com o objeto é transposto para o ego, este se transformando em objeto de ataque de si mesmo, como em uma cisão deste em 2 partes. A importância disto, segundo Laplanche e Pontalis (1995), é que:

O ego já não é mais concebido como uma única instância personificada no interior do psiquismo. Certas partes podem separar-se por clivagem, particularmente a instância crítica ou consciência moral: uma parte do ego põe-se diante da outra, julga-a de forma crítica, toma-a por assim dizer, como objeto (p.133)¹¹.

Em 1923, Freud constatou que o instrumental teórico da primeira tópica havia se tornado insuficiente para explicar os conflitos psíquicos das neuroses e introduziu

¹⁰ De acordo com Nogueira (1993), "não é infrequente que [o termo realidade] seja tomado no sentido de acontecimentos (internos ou externos)", mas "na medida que o ser humano, tal qual aceitamos seguindo a Freud, é pulsional, movido pelo desejo, no plano psicológico realidade é aquele ponto onde a pulsão (desejo) encontra um limite, uma obstrução, impedindo-se a satisfação ou a continuidade desta." (p.196)

na psicanálise o conjunto teórico da segunda tópica, passando a conceber o aparelho psíquico dividido em três instâncias, que são o ego, o id e o superego¹². Ao ego são incorporadas funções que antes estavam separadas nos diversos sistemas Cs.Pcs. e Ics. e com isto passam a ser atribuídos a ele o controle da motilidade (as descargas de excitação para o mundo externo), da percepção (insight), o teste de realidade, a ordenação temporal dos processos mentais, a razão e a consciência. Também diz respeito ao ego os mecanismos de repressão e de defesa contra as reivindicações pulsionais, possuindo a árdua tarefa de mediar as exigências da realidade e as do id, tudo sob a égide de um superego que pode ser muito severo.

Em *O Ego e o Id* (1923), Freud postulou que no início da vida somos um id e o ego deste emana por diferenciação através do seu contato com o mundo externo e sua submissão ao princípio da realidade. Na medida em que Freud revê sua concepção descrita em a *Introdução ao Narcisismo* e agora atribui ao id ao invés de ao ego a qualidade de ser o grande reservatório de libido, todos os investimentos objetais passam a proceder do id e o próprio ego é transformado em objeto. Uma vez que o ego não tem energia própria, toda a libido que possui provém de investimentos libidinais abandonados pelo id que o ego toma para si através de identificação.

A identificação passa a ter um papel essencial para a constituição daquilo que Freud (1923) chama de caráter do ego. Traçando um paralelo com o que ocorre na melancolia, onde um investimento libidinal objetal perdido é instalado no ego, transformando um investimento objetal em identificação e trazendo para dentro de si as partes amadas, odiadas ou idealizadas do objeto como forma de não perdê-lo, Freud entende que o id apenas pode abrir mão de um investimento libidinal na medida que o ego o atrai para si. Assim, da mesma forma que na melancolia, uma escolha objetal erótica acaba se transformando em uma alteração do ego, cujo caráter é para Freud (1914), “um precipitado de catexias objetais abandonadas.” (p. 42).

¹¹ Esta idéia de um ego clivado já estava presente na *Introdução ao Narcisismo* quando Freud introduziu o ideal de ego como uma “saída” para o conflito entre libido narcísica (do ego) e libido objetal.

Desta forma, ao se entregar ao id como objeto de amor, o ego pode controlar o id, pagando o preço de se sujeitar um pouco às suas exigências. De acordo com Freud (1914):

Quando o ego assume as características do objeto, ele está se forçando, por assim dizer ao id como objeto de amor, tentando compensar a perda do id dizendo: olhe, você também pode me amar, sou semelhante ao objeto. (p.43).

Este processo de transformação pelo ego de libido objetal em libido narcísica, desviando-se então de objetivos sexuais e portanto promovendo uma dessexualização da libido, é o próprio *narcisismo secundário*, que passa a ser definido como a libido que flui dos objetos para o ego devido à identificação. Nas palavras de Freud (1923):

Bem no início toda a libido está acumulada no id, enquanto que o ego ainda se acha em processo de formação ou ainda é fraco. O id envia parte desta libido para catexias objetais eróticas; em consequência, o ego, agora tornado forte, tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao id como objeto amoroso. O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos. (p. 58).

Em 1923 Freud não faz maiores considerações quanto ao conceito de narcisismo primário, mas deu a entender na *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921) que ele havia deixado de fazer distinção teórica entre o narcisismo primário e o auto-erotismo e ambos passaram a corresponder a um momento anterior ao nascimento do homem. Em suas palavras:

Com o nascimento demos o primeiro passo de um narcisismo absolutamente auto-suficiente para a percepção de um mundo externo cambiante e para os primórdios da descoberta de objetos. (p.140).

A última vez que Freud se pronunciou sobre o narcisismo foi em 1938 no *Esboço de Psicanálise* e neste momento de teorização, sem fazer nenhuma menção especial outras diferentes concepções anteriores, ele foi literal para definir o narcisismo primário como um estado absoluto: no início da vida o ego detém toda a

¹² Este conceito, segundo Laplanche e Pontalis (1995) evoluiu da noção de ego ideal ou ideal de

cota disponível de libido em si, configurando o narcisismo primário. O narcisismo secundário ocorre apenas depois que o ego começa a investir os objetos com sua libido, ou seja o retorno da libido investida nos objetos para o ego é que configura o narcisismo secundário. Em suas palavras:

Tudo o que sabemos sobre [a libido] relaciona-se com o ego, no qual, a princípio, toda cota disponível de libido é armazenada. Chamamos a este estado absoluto de narcisismo primário. Ele perdura até o ego começar a [investir] as idéias dos objetos com a libido, a transformar a libido narcísica em libido objetal. Durante toda a vida, o ego permanece sendo o grande reservatório, do qual os [investimentos] libidinais são enviadas aos objetos e para o qual elas são também mais uma vez recolhidas, exatamente como uma ameba se conduz com os seus pseudópodes. É somente quando uma pessoa se acha completamente apaixonada que a cota principal de libido é transferida para o objeto e este, até certo ponto, toma o lugar do ego. Uma característica da libido que é importante na vida é sua motilidade, a facilidade com que passa de um objeto para outro. Isto deve ser contrastado com a fixação da libido a objetos específicos, a qual frequentemente persiste durante toda a vida. (p.163).

4.2) ALGUMAS CONTROVÉRSIAS SOBRE A TEORIA FREUDIANA DO NARCISISMO

Desde seu encontro com Charcot em 1885 e até o final de seus dias, Freud esteve envolvido com o desenvolvimento da psicanálise, que foi, principalmente para a época de Freud e ainda até hoje, não só uma teoria arrojada e desafiante da mente, mas também um método inovador para a cura das doenças psíquicas. Neste seu longo e árduo percurso, Freud teceu considerações teóricas baseado na observação, na intuição e também na sua inigualável sensibilidade e percepção a respeito de seu próprio psiquismo e do psiquismo dos pacientes que a ele se submeteram para análise. Todas estas capacidades, somadas à sua infindável genialidade e espírito empreendedor, permitiram que Freud não só construísse, como também divulgasse todo o edifício psicanalítico que nos foi legado.

Mas a psicanálise não é definitiva ou inequívoca, e como sabemos, esta também não era uma pretensão de Freud. Qualquer leitor, mesmo o mais ingênuo, pode perceber através da leitura de sua obra, que o pensamento de Freud fluía incessante: ele sempre foi muito corajoso para colocar no papel as idéias que lhe surgiam e muito sincero para reiterar suas teorias, incrementá-las com novas percepções ou reconhecer que havia se enganado ou apenas visto a questão melhor por um outro ângulo.

Esta qualidade de Freud ficou-nos especialmente clara quando fizemos a tentativa, no capítulo anterior, de seguir seus passos na construção da teoria do narcisismo. Pudemos perceber que ao longo do tempo e em diferentes momentos de teorização, que Freud construiu e depois reconstruiu ou simplesmente abandonou alguns de seus conceitos centrais sobre o narcisismo, como a definição de narcisismo secundário, que foi se modificando ao longo do tempo (1911,1914,1923,1938), e a hipótese da existência do narcisismo primário, que jamais pode ser observada clinicamente.

Mas Freud, que era um pesquisador muito criterioso, não ignorava e também não tentou levar o leitor a acreditar que a teoria psicanalítica era isenta de pontos obscuros ou que ao longo de seu percurso não foram e não seriam construídas teorias, pelo menos em um primeiro momento, sem o respaldo da observação clínica. Freud teceu algumas considerações a este respeito em 1914 quando escreveu que “não é agradável a idéia de abandonar a observação pela controvérsia teórica estéril, mas nem por isso nos devemos esquivar de uma tentativa de elucidação. É verdade que noções tais como a de uma libido do ego, uma energia dos instintos do ego, e assim por diante, não são particularmente fáceis de apreender, nem suficientemente ricas de conteúdo; uma teoria especulativa das relações em questão deveria começar por buscar como base um conceito nitidamente definido. Mas sou da opinião de que é exatamente nisso que consiste a diferença entre uma teoria especulativa e uma ciência erigida a partir da interpretação empírica. Esta última não invejará a especulação por seu privilégio de ter um fundamento suave, logicamente inatacável, contentando-se, de bom grado, com conceitos básicos nebulosos mal imagináveis, que espera apreender mais claramente no decorrer de seu desenvolvimento, ou que está até mesmo preparada para substituir por outros, pois estas idéias não são o fundamento da ciência, no qual tudo repousa: esse fundamento é tão-somente a observação. Não são a base, mas o topo de uma estrutura, e podem ser substituídas e eliminadas sem prejudicá-la” (p.84).

Não sabemos a razão que pode ter levado Freud a jamais rever os conceitos *nebulosos mal imagináveis* da teoria do narcisismo, mas todos sabemos que o narcisismo não era o foco teórico ou clínico de Freud, mas sim o desenvolvimento de uma técnica para a cura das neuroses e a construção de uma teoria sobre o funcionamento mental do homem, de cuja história, o narcisismo é apenas um capítulo. Mas de qualquer forma, desde 1914 quando Freud pela primeira vez sistematizou o conceito de narcisismo, depois em 1923 em *o Ego e o Id* e finalmente em 1938 no *Esboço de psicanálise*, diversas mudanças importantes

ocorreram em seu pensamento, sem que ele se manifestasse formalmente sobre quais relações ele fez entre uma concepção e outra¹³.

Vimos que em 1914 Freud considerou o narcisismo como um investimento libidinal do ego e postulou a existência em todo psiquismo humano de um narcisismo primário, entendido como um estado precoce da vida da criança em que toda a libido é investida nela mesma, no próprio ego, que se manifestará em suas futuras escolhas objetais. Em 1923 Freud postulou que no início da vida toda a libido ficaria concentrada não mais no ego, mas sim no id. A libido se dirigiria então do id para os objetos e apenas posteriormente do objeto para o ego, que pode se impor ao id como objeto de amor, em detrimento do objeto. O narcisismo do ego é então apenas secundário e se torna possível devido a um processo de dessexualização da libido, que é pelo ego transformada de libido objetal em libido narcísica. Os conceitos de auto-erotismo e de narcisismo primário foram remetidos a uma fase anobjetal, anterior mesmo ao nascimento, mas Freud não fez maiores esclarecimentos a este respeito. Em 1938 Freud definiu o narcisismo primário como um estado absoluto inicial em que toda a libido está investida no ego, que “perdura até o ego começar a [investir] as idéias dos objetos com a libido, a transformar a libido narcísica em libido objetal” (p.163). O narcisismo secundário se estabelece na relação libidinal do ego com os objetos: a libido investida no objeto pelo ego que deste se retira retornando para o ego.

Acompanhando a evolução da teoria freudiana do narcisismo, percebemos que o conceito de narcisismo primário encerra profundas contradições e mesmo em Freud não há um consenso sobre seu significado ou em que momento da vida ele é estabelecido. Para Laplanche e Pontalis (1995):

¹³ Para Green (1998), “é um fato que Freud não se dedicou muito ao estudo do narcisismo, e sobretudo ao seu futuro na teoria, quando renunciou às suas bases anteriores sobre a oposição entre libido do [ego], e libido do objeto em favor do conflito fundamental ente Eros e as pulsões de destruição, ou ainda entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.(...) Quaisquer sejam as razões invocadas para o desinteresse ulterior de Freud com respeito ao narcisismo- a polêmica com Jung – é, ainda assim, espantoso que o inventor deste conceito nem mesmo tenha julgado útil explicar como se deveria reconsiderar o que havia descrito outrora de maneira tão convincente, inserindo-o em outro conjunto teórico. (...) Isto é mais surpreendente pelo fato de que o [ego] viria a adquirir uma maior importância a partir da instauração desta segunda tópica. Havia, portanto, mais de um motivo para que os leitores de Freud, os psicanalistas em primeiro lugar, esperassem um reavaliação do narcisismo que nunca ocorreu.”(p.92)

O narcisismo primário designa de um modo geral o primeiro narcisismo, o da criança que toma a si mesma como objeto de amor, antes de escolher objetos exteriores. (p.290).

Nos textos de 1910-1915, o narcisismo primário seria uma fase localizada entre o auto-erotismo e o amor de objeto e contemporânea à formação do ego, mas com a elaboração da segunda tópica, este conceito desaparece completamente:

Freud acaba opondo de forma global um estado narcísico primitivo (anobjetal) e relações com o objeto. Este estado primitivo, a que ele dá nome de narcisismo primário, seria caracterizado pela total ausência de relações com o meio, por uma indiferenciação entre o ego e o id, e teria seu protótipo na vida intra-uterina, da qual o sono representaria uma reprodução mais ou menos perfeita. (p.288).

Segundo Laplanche e Pontalis (1995), a última concepção de Freud do narcisismo primário como um estado anobjetal ou indiferenciado e absoluto, sem a clivagem do sujeito com o mundo exterior é que prevalece no pensamento psicanalítico, não sem haver profundas controvérsias a este respeito. Isto porque

Trata-se de definir um estado hipotético da libido infantil, e as divergências incidem de maneira complexa na descrição deste estado, na sua situação cronológica e, para certos autores, na própria existência dele (p.290).

Laplanche e Pontalis (1995) fazem duas objeções à noção de narcisismo primário: a primeira delas é com relação à terminologia, pois de acordo com estes autores, o termo narcisismo suporia em sua etimologia uma relação especular do indivíduo com a imagem de si mesmo e não uma relação anobjetal; a segunda, porque segundo eles, este conceito contradiz a experiência na medida em que se existisse uma fase tomada literalmente como anobjetal, com a exclusão das relações do bebê com o mundo externo, a sua sobrevivência biológica estaria comprometida.

Laplanche e Pontalis (1982) então supõem que a intenção de Freud seria considerar o narcisismo primário como uma fase evolutiva necessária que vai do funcionamento anárquico e auto-erótico das pulsões até a escolha objetal. Desta

forma, lhes parece possível definir o narcisismo primário como uma fase precoce da libido onde simultaneamente aparece um primeiro esboço do ego,

(...) o que não implica que este primeiro narcisismo seja o primeiro estado do ser humano, nem que, do ponto de vista econômico, esta predominância do amor de si mesmo exclua qualquer investimento objetual. (p.291)

Para Green (1998), “de todas as questões relativas ao narcisismo, nenhuma é mais confusa e mais controvertida que a do narcisismo primário” (p.92). Segundo ele, a última vez que Freud cita narcisismo primário ele tenta radicalizar este conceito, falando de um narcisismo primário absoluto. Mas Green acredita que Freud estaria tratando de um conceito e não de uma vivência, cujo termo de comparação seria o sono sem sonho, no qual o indivíduo se abandona a si mesmo como na vida intra-uterina, num estado de “repouso, calor e exclusão de estímulos.” (p.94)

De acordo com Green (1988), Freud ao postular a existência de um narcisismo primário absoluto, se referia não a uma etapa ou fase do desenvolvimento psíquico, mas sim a um estado mental. Green (1998) se baseou na teoria das pulsões lembrando que segundo Freud, a mente humana governada pelo princípio do prazer e patrocinada pela pulsão de morte, aspira retornar a um estado psíquico primitivo de inexcitabilidade, postulou que o homem encontra no retraimento narcísico uma fórmula para se livrar de toda e qualquer tensão psíquica. Este retraimento segundo Green (1998), pode ser tanto necessário quanto nocivo ao psiquismo humano, pois o apaziguamento temporário da tensão pode ser útil no sentido da mente recuperar sua integridade psíquica, mas por outro lado, a anulação da tensão psíquicas a nível zero constante, é a própria morte psíquica.

Kohut (1988) observou que o conceito de narcisismo primário

(...) embora seja extrapolado de observações empíricas, [se refere] a um estado psicológico do bebê (...) que originalmente vivencia a mãe e os cuidados que esta lhe dispensa não como um tu que pratica as ações, mas dentro de uma visão de mundo em que a diferenciação Eu-tu ainda não se estabeleceu. (p.103).

Este autor acredita que o narcisismo inicial e primário vai se transformar, mas jamais será totalmente superado, permanecendo

(...) através da vida um importante resíduo direto da posição original - um tônus narcísico básico que se difunde por todos os aspectos da personalidade. (p.103)

Ao contrário da teoria freudiana do narcisismo primário, a noção de narcisismo secundário é menos controversa, pois é uma teoria derivada da observação de fenômenos psíquicos tanto na clínica quanto na vida humana, mas não deixou de ser polêmica, sendo amplamente discutida na teoria psicanalítica. Como ressaltou Green (1998), “a realidade clínica do narcisismo é um fato, mesmo se a interpretação que se possa dar varie de autor para autor.” (p.92)

De acordo com Balint (1968), Freud utiliza o termo narcisismo para descrever dois “estados semelhantes, mas não idênticos” (p.36), que são o narcisismo primário ou absoluto e o narcisismo secundário, que Freud algumas vezes se refere como sendo simplesmente narcisismo. Para Balint, o narcisismo primário é apenas uma hipótese teórica, e não fruto de uma observação clínica, ao contrário do narcisismo secundário. Para este autor, todos os aspectos do psiquismo humano que Freud observou para basear a teoria do narcisismo, que são a análise das parafrenias, da homossexualidade, das doenças orgânicas, da hipocondria, da vida erótica sexual, do sono e a vida mental das crianças e dos povos primitivos, seriam manifestações que explicam exclusivamente a teoria do narcisismo secundário.

Para Laplanche e Pontalis (1995), o narcisismo secundário é uma volta para o ego da libido retirada dos investimentos objetais, mas sublinham que:

Para Freud o narcisismo secundário não designa apenas certos estados extremos de regressão; é também uma estrutura permanente no sujeito: a) no plano econômico, os investimentos de objeto não suprimem os investimentos do ego, antes existe um verdadeiro equilíbrio energético entre estas duas espécies de investimento; b) no plano tópico, o ideal do ego representa uma formação narcísica que nunca é abandonada. (p.290)

Antes de finalizarmos este capítulo gostaríamos de aventar um último ponto discutível e bastante discutido na teoria freudiana do narcisismo. Na verdade já pincelamos este assunto quando levantamos as questões pertinentes ao narcisismo primário, que é a idéia aventada por Freud acerca da existência (ou não) de uma fase anobjetal no desenvolvimento da libido.

Enunciamos ao longo desta dissertação que o próprio Freud não é inequívoco com relação a este tema, mas vale reiterar que em 1914 ele postulou que antes do ego investir os objetos com a libido, há duas fases anobjetais: uma anterior à constituição do ego, auto-erótica e outra após a sua constituição, o narcisismo primário. Em 1923, quando Freud expôs que a libido inicialmente não deveria estar mais concentrada no ego, sim no id, o narcisismo do ego passa a ser apenas secundário e os conceitos de auto-erotismo e de narcisismo primário foram remetidos a uma fase anobjetal, anterior ao nascimento. Em 1938 Freud mudou novamente sua concepção e postulou a existência de um narcisismo primário absoluto, que seria uma fase onde toda cota de libido disponível seria armazenada no ego, que apenas em um momento posterior iria investir libidinalmente os objetos.

Vimos que há um consenso entre diversos autores de que Freud, ao se referir a uma fase anobjetal do desenvolvimento, estava se tratando mais de um conceito do que propriamente de uma vivência, que afinal, não pode ser observada na experiência. Jamais saberemos o que Freud estava querendo dizer, ou que idéias estavam passando em sua mente e por isto nos parece que o mais sensato e realista seria permanecermos todos os psicanalistas no campo do desconhecido e tolerarmos as dúvidas e angústias que podem emergir ao depararmos com o fato de não termos recebido uma teoria acabada e definitiva de nosso mestre. No entanto, para os propósitos desta dissertação ainda precisamos refletir acerca do significado dos termos objeto e relação objetal dentro da teoria freudiana da libido e do narcisismo.

Sabemos que na concepção de Freud, o homem é percebido como um organismo biológico que se constitui a partir de um esquema individual genético e pulsional. Seu nascimento psíquico não coincide com seu nascimento biológico: o

ego primitivo é auto-erótico e começa a se desenvolver em um momento posterior ao nascimento na medida em que necessidades pulsionais de autopreservação vão impulsionando o organismo em direção aos objetos do mundo externo. Ou seja, o ego primitivo é capaz de estabelecer relações libidinais com objetos pulsionais externos com o intuito de garantir sua sobrevivência tanto biológica quanto psicológica. Para Freud (1915) mecanismos de projeção e introjeção atuam no psiquismo humano com este intuito:

Na medida em que o ego é auto-erótico, não necessita do mundo externo, mas, em consequência das experiências sofridas pela [pulsão] de autopreservação, ele adquire objetos daquele mundo, e, apesar de tudo, não pode evitar sentir como desagradáveis, por algum tempo, estímulos instintuais internos. Sob o domínio do princípio do prazer ocorre agora um desenvolvimento ulterior do ego. Na medida em que os objetos que lhe são apresentados constituem fontes de prazer, ele os toma para si próprio, os introjeta (para empregar o termo de Ferenczi [1909]); e por outro lado, expela o que quer que dentro de si mesmo se torne uma causa de desprazer (ver adiante o mecanismo da projeção). (p.140)

No modelo freudiano, as relações objetais são entendidas dentro do escopo da teoria da libido e compreendidas sob a perspectiva exclusivamente unilateral ou individual do organismo, cuja necessidade pulsional de autopreservação o induz a colocar o objeto no papel de alvo pulsional, vindo este a participar apenas como fonte de estímulos agradáveis passíveis de serem introjetados ou como receptáculo de estímulos indesejados projetados pelo sujeito.

Vimos que em 1914 Freud introduziu o conceito de relação objetal anaclítica e usou o termo amor objetal em contraposição ao conceito de relação objetal narcísica, se referindo à sua constatação teórica de que as primeiras relações libidinais da criança com seus primeiros objetos sexuais, que são as pessoas que cuidam de sua alimentação (a mãe ou substitutos) determinariam as suas futuras escolhas objetais. De acordo com Freud, se o desenvolvimento libidinal é normal, as futuras relações objetais seguirão o modelo da relação libidinal com a mãe, configurando o que ele convencionou como sendo uma relação objetal anaclítica ou por apoio. Caso contrário, ou seja se as primeiras relações libidinais sofrem algum

distúrbio, a relação objetal será narcísica, e o indivíduo apenas conseguirá tomar a si mesmo como objeto de amor.

Esta idéia já estava presente na segunda edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* quando Freud (1905) postulou que:

Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava ainda vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do próprio corpo, no seio materno. Só mais tarde vem a perdê-lo, talvez justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação. Em geral, a pulsão sexual torna-se autoerótica e só depois de superado o período de latência é que se restabelece a relação originária. Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro. (p.210)

Quando Freud (1914) utilizou os termos amor objetal ou relação objetal anaclítica ou por apoio ele estava se referindo exclusivamente à sua noção teórica de que a pulsão sexual inicialmente se apóia na pulsão de autopreservação (ou do ego). Esta noção foi textualmente incluída por Freud em 1915 na terceira edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), contemporânea à *Introdução ao Narcisismo* (1914), nos seguintes termos:

A primeira e mais vital das atividades da criança - mamar o seio materno (ou em seus substitutos) - há de tê-la familiarizado com este prazer. Diríamos que os lábios da criança comportaram-se como uma zona erógena, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas. (p.171).

Percebemos que a teoria freudiana considera a existência e a importância das relações objetais para a formação psíquica do homem, mas precisamos considerar o fato de que para Freud uma relação objetal, seja ela narcísica ou anaclítica, é fundamentalmente uma relação libidinal. O conceito de relação objetal anaclítica ou por apoio não se refere ao relacionamento observável de uma criança com sua mãe,

mas sim a uma noção teórica de que a pulsão sexual se apóia na pulsão de autopreservação e encontra um objeto fora do próprio corpo da criança. Da mesma forma, a relação narcísica de objeto não se refere ao relacionamento de um indivíduo consigo mesmo excluindo o mundo externo, mas sim à pulsão sexual que encontra um objeto no próprio sujeito¹⁴.

Uma das consequências desta visão freudiana dos relacionamentos humanos sob a ótica da teoria da libido foi a pouca importância que Freud atribuiu aos sentimentos de amor, de gratidão, de zelo e o afeto do sujeito para com o objeto, do objeto para com o sujeito e do sujeito para consigo mesmo. Da mesma forma, Freud pouco considerou os sentimentos de ódio, de inveja e ainda os desejos e fantasias inconscientes que também pairam sobre e circulam entre os relacionamentos humanos.

Isto se deu porque para Freud (1915), o objeto é entendido não sob o ângulo e no contexto de seu complexo psiquismo humano, mas sim como apenas um alvo pulsional. Freud (1915) chega a tratar de mecanismos de projeção e introjeção, mas em nenhum momento considera que estes poderiam estar carregados de conteúdos afetivos e emocionais. Ao contrário, são compreendidos apenas dentro da dinâmica do prazer ou desprazer, do quantum de tensão suportável pelo organismo e consequentemente a necessidade de apaziguamento ou descarga de toda energia pulsional que exceda a capacidade do aparelho psíquico suportar.

¹⁴ Há uma nota de rodapé na Introdução ao narcisismo (1914) inserida pelo editor das Obras Completas onde ele esclarece duas questões relevantes. A primeira é que a palavra *Anlehnungstypus* utilizada por Freud no original em alemão, significa literalmente tipo de inclinação, mas foi traduzida para o Inglês como anaclítico, baseado segundo o editor, em uma analogia ao termo enclítico da gramática, referindo-se a partículas que não podem ser a primeira palavra de uma frase e devem sempre se apoiar ou ser um apêndice de alguma palavra mais importante. O segundo ponto diz respeito ao fato de que “encosto ou apoio (*Anlehnung*) indicado pelo termo é da [pulsão] sexual para com a [pulsão] do ego, não da criança para com sua mãe.” (p.94).

**5. AS CORRELAÇÕES TEÓRICAS POSSÍVEIS ENTRE O
CONCEITO DE NARCISISMO E A NOÇÃO DE
DESENVOLVIMENTO DO EGO**

“Os narcisistas não têm satisfatoriamente estabelecidas uma auto-imagem, uma auto-estima, um amor próprio. A conduta autocentrada manifesta pode expressar falhas importantes na representação do Eu, e conseqüentemente, no investimento libidinal de si mesmo. Daí a ânsia de encontrar no olhar do outro um espelho que reflita atributos e/ou possibilidades ainda não experimentadas como – de fato e de direito próprias.”

Luiz Fernando Gallego

5. AS CORRELAÇÕES TEÓRICAS POSSÍVEIS ENTRE O CONCEITO DE NARCISISMO E A NOÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DO EGO

5.1) NA VERTENTE FREUDIANA

Freud (1938) afirmou que no início da vida a mente humana é constituída por um ego-id indiferenciado e

Sob a influência do mundo externo que nos cerca, uma porção do id sofreu um desenvolvimento especial. Do que era uma camada cortical, equipada com órgãos para receber estímulos e com disposições para agir como um escudo protetor contra estímulos, surgiu uma organização especial que, desde então, atua como intermediária entre o id e o mundo externo. A esta região de nossa mente demos o nome de ego. (p.158)

Na concepção freudiana o ego e suas funções começam a operar em algum momento posterior ao nascimento biológico do bebê, mas Freud não chegou a precisar em que momento o ego surge. Ele apenas afirmou que todo processo se inicia quando o bebê, motivado por um impulso para sobrevivência, adquire objetos do mundo externo. Em suas palavras (1938):

O primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta; a origem do amor está ligada à necessidade satisfeita de nutrição. Não há dúvida de que, inicialmente, a criança não distingue entre o seio e seu próprio corpo; quando o seio tem que ser separado do corpo e deslocado para o exterior, porque a criança tão frequentemente o encontra ausente, ele carrega consigo, como um objeto, uma parte das catexias libidinais narcísicas originais. Este primeiro objeto é depois completado na pessoa da mãe da criança,

que não apenas a alimenta, mas também cuida dela e, assim desperta-lhe um certo número de outras sensações físicas, agradáveis e desagradáveis. Através do cuidado com o corpo da criança, ela se torna seu primeiro sedutor. Nessas duas relações reside a raiz da importância única, sem paralelo, de uma mãe, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores – para ambos os sexos. (p.202)

Athanassiou (1982) ressalta que se para Freud o ego se constitui através das relações com o mundo externo e se estas relações se estabelecem no inter-relacionamento narcísico e objetual da libido que circula entre o ego e o objeto, o fenômeno do narcisismo é inerente à constituição do ego:

Retornando para o ego após ter sido investida no objeto, a libido do ego instala neste uma parte do objeto que acaba de visitar e, de acordo com Freud, poderíamos dizer que da mesma forma que o objeto, ao se retirar do ego, carrega consigo uma parte da libido do ego e também o ego, ao se retirar do objeto, leva consigo uma parte deste. O investimento libidinal do ego, o narcisismo, é então chamado secundário: está ligado ao jogo de investimentos no objeto. Em 1923 o ego parece desempenhar principalmente o papel de uma instância que controla os elos que ligam o id ao objeto. É desta perspectiva que ele procura ser investido pelo id em detrimento do objeto. Mas em 1938, a ênfase é colocada menos nesse papel de controle, por um ego situado entre o id e o objeto, do que no investimento direto do objeto pelo ego, que abre caminho para a *compreensão da construção da identidade como intimamente ligada à relação do ego com o objeto.* (p.3)

Athanassiou (1982) menciona que Freud jamais fez explicitamente esta correlação, mas lembra que mesmo antes de 1938, em diferentes momentos de teorização (1914, 1917, 1923) ele havia esboçado a idéia de que deveriam ocorrer transformações no ego quando este traz de volta para si, por identificação, a libido objetual transformada em libido narcísica, ficando o objeto ou partes dele instalados dentro do ego.

De fato, vimos que em 1917 Freud postulou que na melancolia o ego é modificado pela instalação dentro dele da libido proveniente do retorno do investimento de uma relação objetual desfeita: a energia libidinal anteriormente dirigida ao objeto, ao se desprender deste, se instala no ego. A libido objetual se

transforma em narcísica e com isto o ego permanece identificado com o objeto, conservando-o dentro de si.

Freud (1923), é categórico ao reafirmar que na melancolia o ego se modifica na relação pulsional com o objeto:

Alcançamos sucesso em explicar o penoso distúrbio da melancolia supondo [naqueles que sofrem] que um objeto que fora perdido foi instalado novamente dentro do ego, isto é, que uma catexia do objeto foi substituída por uma identificação. Nesta ocasião, contudo, não sabíamos quão comum e típico ele é. Desde então viemos a saber que esse tipo de substituição tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado seu caráter. (p.41)

Um pouco adiante, neste mesmo trabalho, Freud (1923) faz um paralelo entre a melancolia, que para ele é uma afecção narcísica, e a normalidade, dizendo que:

Quando acontece uma pessoa ter de abandonar um objeto sexual, muito amiúde se segue uma alteração de seu ego que só pode ser descrita como instalação do objeto dentro do ego, tal como ocorre na melancolia; a natureza exata dessa substituição ainda nos é desconhecida. Pode ser que, através dessa introjeção, que constitui uma espécie de regressão ao mecanismo da fase oral, o ego torne mais fácil ao objeto ser abandonado ou torne possível esse processo. Pode ser que essa identificação seja a única condição em que o id pode abandonar os seus objetos. De qualquer maneira, o processo, especialmente nas fases mais primitivas do desenvolvimento, é muito frequente, e torna possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto. Naturalmente, deve-se admitir, desde o início, que existem diversos graus de capacidade de resistência, os quais decidem até que ponto o caráter de uma pessoa desvia ou aceita as influências da história de suas escolhas objetais eróticas. (p.42)

Para concluir este percurso na teoria freudiana, falta lembrar que a noção freudiana de ego ideal de 1914, que depois foi transposta para o conceito de superego em 1923, também fala da relação do ego com um objeto internalizado que acaba por transformá-lo. Nas palavras de Freud (1938):

O longo período da infância, durante o qual o ser humano em crescimento vive na dependência dos pais, deixa atrás de si, como um precipitado, a formação, no ego, de um agente especial no qual se prolonga a influência parental. Ele recebeu o nome de superego. Na medida em que este superego se diferencia do ego ou se lhe opõe, constitui uma terceira força que o ego tem de levar em conta. (p.159)

Parece ser um consenso em psicanálise que o psiquismo humano se transforma e vai se consolidando através das relações que o Eu estabelece no relacionamento com seus Outros significativos, mas há uma grande polêmica em torno de em que momento da vida este fenômeno que Freud denominou de ego se constitui: Assim como Freud, alguns autores pós Freudianos como Kohut, Winnicott, Mahler, dentre outros, acreditam que há uma fase inicial do desenvolvimento marcada por uma indiferenciação entre o Eu e o Outro, nos moldes do conceito freudiano de narcisismo primário. No pólo oposto, alguns teóricos como Melanie Klein e mais recentemente, Stern, afirmam justamente o contrário, que não há uma fase inicial de indiferenciação entre a mãe e o bebê: um ego arcaico capaz de estabelecer relações objetais está presente desde sempre no psiquismo humano.

Kohut (1988), afirmou que “o conceito de narcisismo primário, embora seja extrapolado de observações empíricas, se refere não ao campo social, mas ao estado psicológico do bebê. Abrange a asserção de que este, originalmente, vivencia a mãe e os cuidados que esta lhe dispensa não como um tu que pratica ações, mas dentro de uma visão do mundo em que a diferenciação eu-tu ainda não se estabeleceu. (...) O equilíbrio do narcisismo primário é perturbado por pressões de maturação e penosas tensões psíquicas que ocorrem porque os cuidados da mãe são necessariamente imperfeitos e traumáticos atrasos não podem ser evitados.” (p.104)

Mahler (1993), postulou que “o nascimento biológico do homem e o nascimento psicológico do indivíduo não coincidem no tempo. O primeiro é um evento bem delimitado, dramático e observável; o último, um processo intrapsíquico de lento desdobrar”. (p.15).

Para esta autora (1993), o nascimento psicológico do bebê começa por volta do quarto ou quinto mês de vida, quando após um período normal simbiótico com a mãe, se inicia um processo de separação e individuação:

(...) separação e individuação são concebidos como dois desenvolvimentos complementares: a separação consiste na saída da criança da fusão simbiótica com a mãe e a individuação consiste nas aquisições que marcam o momento em que a criança assume suas próprias características individuais. (p.16).

Para Winnicott (1983), há um estágio precoce do desenvolvimento do bebê em que ele ainda não pode distinguir o Eu do não-Eu, vivendo um período de dependência absoluta de sua mãe. Se mãe for, na terminologia de Winnicott, suficientemente boa, será capaz de contribuir para que a criança, além de concretizar o seu potencial genético herdado, desenvolva a possibilidade de amadurecimento de seu ego. Winnicott (1983) questiona:

Há um ego desde o início? A resposta é que o início está no momento em que o ego se inicia. Então surge uma segunda pergunta: o ego é forte ou fraco? A resposta a esta pergunta depende da mãe e de sua capacidade de satisfazer a dependência absoluta da criança no começo, no estágio anterior à separação entre a mãe e o *self*. (p.56).

Adotando uma via completamente oposta a estes autores, talvez dentro de uma linha mais Kleiniana, Stern (1992) se propôs a pesquisar o mundo subjetivo do bebê e foi incisivo ao afirmar que “ uma vez que não podemos conhecer o mundo subjetivo em que os bebês vivem, precisamos inventá-lo, de modo a ter um ponto de partida para a formulação de hipóteses.” (p.2).

E sua hipótese básica é categórica:

Os bebês começam a experienciar o senso de um eu emergente desde o nascimento. Eles estão predispostos a terem consciência dos processos auto-organizadores. Eles jamais experienciam um período de total indiferenciação eu/outro. Não há confusão entre eu e outro no começo ou em qualquer ponto durante o período de bebê. Eles também estão predispostos a serem seletivamente responsivos a eventos sociais externos e jamais experienciam uma fase tipo autista. (p.7)

Mas vamos verificar mais a fundo o que Melanie Klein pensou a respeito do processo de desenvolvimento psíquico e o narcisismo, conforme ela postulou na sua teoria das posições.

5.2) NA VERTENTE KLEINIANA

Segal (1975) afirmou que “a controvérsia entre analistas sobre o estado do ego nos primeiros meses da infância não é uma questão de mútuo desentendimento ou de diferente utilização da linguagem. Trata-se de uma controvérsia importante e real sobre questões de fato, e, naturalmente, quaisquer pontos de vista sobre o que é experimentado pelo bebê devem basear-se num quadro do que é o ego em cada estágio. Qualquer descrição significativa dos processos envolvidos deve começar pela descrição do ego”. (p.36)

Com relação a este tema, Melanie Klein (1952) foi categórica ao afirmar que para ela o ego é uma estrutura que está presente de forma arcaica desde o nascimento do homem e está sujeito desde muito cedo a ansiedades primitivas, sendo capaz por esta razão de acionar mecanismos de defesa e de estabelecer relações de objeto tanto na fantasia quanto na realidade.

Ao contrário de Freud que acreditava que as relações de objeto começavam apenas após uma fase auto-erótica anobjetal da libido e que estas aconteciam apenas dentro dos limites do interjogo libidinal do organismo humano, para Klein (1952) uma relação de objeto inclui uma gama de afetos como amor, ódio, fantasias, ansiedades e defesas, e acontecem entre o bebê e sua mãe (ou o seio dela), desde os primórdios da vida pós-natal. Em consequência desta concepção, não há espaço na teoria kleiniana para a existência da fase anobjetal ou auto-erótica do narcisismo primário absoluto da teoria freudiana, e no nosso modo de ver, por esta razão, o narcisismo se tornou para Klein um fenômeno secundário, com características distintas das aventadas por Freud. E Klein (1952) não poupou críticas à visão de Freud:

A hipótese [freudiana] de que um estágio [auto-erotismo ou o narcisismo absoluto] que se estende por vários meses precede as relações de objeto implica que, exceto para a libido ligada ao próprio corpo do bebê, os impulsos, fantasias, ansiedades e defesas ou não

estão presentes no bebê ou não estão relacionadas a um objeto, ou seja, eles operariam *in vácuo*. A análise de crianças muito pequenas ensinou-me que não existe urgência pulsional, situações de ansiedade, processo mental que não envolva objeto, externo ou interno; em outras palavras, as relações de objeto estão no centro da vida emocional. Além do mais, amor, ódio, fantasias, ansiedades e defesas também operam desde o começo e encontram-se *ab initio* indivisivelmente ligados a relações de objeto. (p.76)

Klein (1958) sustenta que a primeira ansiedade a qual o ego está submetido é de origem persecutória, pois ele é pressionado desde o nascimento tanto por fontes internas quanto externas de ansiedade, fruto da tensão do nascimento, da necessidade de se adaptar a uma situação biológica e psicológica nova, e principalmente em consequência do trabalho interno da pulsão de morte¹⁵.

Para Klein (1958), a atividade das pulsões está no cerne do surgimento da ansiedade, da criação de defesas, da atividade de fantasiar, do estabelecimento das relações objetais e do processo de integração do ego arcaico. Ou seja: a ansiedade provém do trabalho interno da pulsão de morte e para se proteger o ego engendra suas primeiras defesas; as fantasias são os representantes mentais das pulsões e estão na base da criação de duas defesas fundamentais contra a ansiedade – a projeção e a introjeção, e a favor do estabelecimento das primeiras relações de objeto, que por sua vez são fundamentais para a integração do ego arcaico. Nas palavras de Klein (1952):

As fantasias estão em atividade desde o começo, do mesmo modo que as pulsões, e são a expressão mental da atividade de ambas as pulsões, de vida e de morte. A atividade de fantasiar fundamenta os mecanismos de introjeção e projeção, que possibilitam ao ego desempenhar uma das funções básicas acima mencionadas, que é a de estabelecer relações de objeto. É por meio da projeção, pelo desvio para fora de libido e agressão, e inibindo delas objeto, que se dá a primeira relação de objeto do bebê. Esse é o processo que, a meu ver, fundamenta o investimento de objetos. Devido ao processo de introjeção, esse primeiro objeto é simultaneamente incorporado

¹⁵ Os fundamentos desta idéia de Klein (1958) tem origem na teoria freudiana (1920) das pulsões segundo a qual as pulsões de vida e de morte estão presentes no id e operantes desde o nascimento, sendo que parte da força destrutiva representada pela pulsão de morte é defletida para o exterior e projetada nos objetos, mas uma outra permanece no id e estará atuante por toda vida, contrapondo-se à pulsão de vida.

ao *self*. As relações com objetos externos e internos interagem desde o começo. (p.82)

Segundo Klein (1952), nos três ou quatro primeiros meses de vida a ansiedade persecutória é predominante, e por intermédio da atividade da fantasia e com o intuito de se proteger de sentimentos internos persecutórios vivenciados como insuportáveis, o bebê cinde dentro de sua mente o objeto, isolando a parte sentida como boa da parte má. Para Klein, o objeto é experimentado como bom quando ele é gratificante e mau quando ele é frustrante, mas como as fantasias e a projeção de estímulos agressivos internos sempre perpassam as relações objetais, as impressões vindas da relação real com a mãe (ou no início com o seio dela) de gratificação (alimentação, acolhimento) ou de frustração (adiamento da gratificação ou ausência), poderão ser influenciadas pela projeção, transformando a forma como o bebê vivencia e introjeta seus primeiros objetos. Para Klein (1952)

É próprio da vida emocional do bebê que haja rápidas flutuações entre amor e ódio; entre situações externas e internas; entre a percepção da realidade e fantasias sobre ela; e, conseqüentemente um interjogo entre a ansiedade persecutória e a idealização – ambas referindo-se a objetos internos e externos, sendo o objeto idealizado um corolário do objeto persecutório, extremamente mau.

Quando o bebê sente que tem objetos bons ele experimenta confiança e segurança, e quando ele sente que tem objetos maus, se sente perseguido e ameaçado. Manter os objetos bons separados dos maus (a cisão) é fundamental para a estabilidade interna do bebê, pois assim ele sente que preserva seus bons objetos, mantendo-os seguros e protegidos dos possíveis ataques dos objetos maus. Estas flutuações entre a percepção e a internalização de bons e maus objetos segundo as fantasias, o grau da ansiedade persecutória e o impacto de vivências reais de gratificação e frustração estão para Klein (1952)

Na base do desenvolvimento do ego em sua relação com o mundo externo como também na construção do mundo interno. O objeto bom internalizado vem a constituir o núcleo do ego, em torno do qual o ego se expande e se desenvolve. Pois, quando o ego é sustentado pelo objeto bom internalizado, ele é mais capaz de dominar a ansiedade e preservar a vida. (p.273)

A teoria kleiniana sustenta que o desenvolvimento da mente começa com o nascimento e se estrutura em torno de duas posições psíquicas que foram sistematizadas e denominadas de esquizo-paranóide e depressiva. Segundo Klein (1946), em cada uma destas posições, o psiquismo humano passa por um tipo peculiar de ansiedade, engendra defesas apropriadas e em consequência, constitui uma forma específica de relação de objeto.

Segundo a teoria Kleiniana (1946), na posição esquizo-paranóide o bebê vivencia fortes ansiedades persecutórias e se defende através da cisão, da projeção e introjeção, da negação, da onipotência e da idealização, ao mesmo tempo em que estabelece relações de objeto parciais, pois neste momento a criança ainda não pode ver a mãe como uma pessoa total. Estas defesas são fundamentais para a vida mental do bebê, pois caso contrário, ele poderia submergir em seus aspectos destrutivos internos: onipotentemente cindir tantos os objetos internos quanto externos, idealizar os bons e negar a existência dos maus objetos e ainda retirar de si toda destrutividade e agressividade, depositando-as no outro, é a forma que o psíquico humano encontrou de poupar-se de ansiedades que seriam sentidas como intoleráveis para um ego primitivo, que no início é frágil, ainda não integrado e em desenvolvimento.

O ego arcaico na concepção de Klein (1946) é desorganizado, mas devido a uma predisposição constitucional, ele traz em si uma tendência para integração que pode variar de pessoa para pessoa. É justamente dentro da posição esquizo-paranóide que surgem as pré-condições para uma maior integração do ego e a transposição para a posição depressiva: na medida em que o bebê sente que tem objetos bons internalizados e a percepção da presença destes se consolida, ele é capaz de começar a sintetizar os tanto objetos internos quanto externos, pois o perigo representado pelo mau objeto se torna menos iminente com a proteção do bom objeto. O ego assim fortalecido, paulatinamente pode ir abrindo mão de defesas esquizo-paranóides: a cisão e a projeção diminuem e os objetos podem aos poucos ser experimentados na totalidade de seus aspectos frustrantes e gratificantes, sem se tornarem por isto tão ameaçadores. Este processo de integração do ego e dos objetos leva à diminuição da ansiedade persecutória e ao crescimento da ansiedade depressiva, fruto da culpa que

pode surgir da percepção de que a projeção de aspectos destrutivos ou maus para dentro objeto bom amado poderia estragá-lo ou destruí-lo:

A crescente capacidade do ego de integração e síntese leva cada vez mais, mesmo durante estes primeiros meses, a estados em que o amor e o ódio e, correspondentemente, aspectos bons e maus dos objetos são sintetizados. E isto dá origem à segunda forma de ansiedade – a ansiedade depressiva –, pois os impulsos e os desejos agressivos do bebê, dirigidos ao seio mau (mãe), são sentidos agora como perigosos também para o seio bom (mãe). Entre o quarto e o sexto mês essas emoções são reforçadas, pois, neste estágio, o bebê percebe e introjeta cada vez mais a mãe como uma pessoa. A ansiedade depressiva é intensificada, pois o bebê sente que destruiu ou está destruindo um objeto inteiro com sua voracidade e agressão incontroláveis. Além do mais, devido à síntese crescente de suas emoções, ele agora sente que estes impulsos destrutivos são dirigidos contra uma *pessoa amada*. Processos semelhantes se dão em relação ao pai e a outros membros da família. Essas ansiedades e correspondentes defesas constituem a “posição depressiva” que chega a um clímax por volta dos seis meses e cuja essência é a ansiedade e a culpa relativas à destruição e perda dos objetos amados internos e externos. (Klein, 1952, p. 73)

A vivência de sentimentos depressivos contribui para uma maior integração do ego produzindo um círculo virtuoso de maior compreensão da realidade psíquica e maior percepção do mundo externo. Na medida em que o homem pode se responsabilizar por seus sentimentos e pelas emergências de seu mundo interno, ele tem menos necessidade de se defender projetando no mundo externo sua destrutividade, diminuindo com isto a ansiedade persecutória, mas em contrapartida, ele sentirá mais ansiedade depressiva, fruto da culpa, do medo da perda do objeto e do pesar, surgindo assim um impulso para a reparação dos possíveis danos que o sujeito possa ter causado a si mesmo e ao objeto. Estes movimentos psíquicos segundo Klein (1946), contribuem para o estabelecimento de relações de objeto mais satisfatórias, para sublimações e para a integração do ego, pois enquanto a ansiedade paranóide vai perdendo força, os objetos se tornam menos idealizados e menos persecutórios e o ego fortalecido pode perceber melhor a realidade, tolerá-la e adaptar-se a ela.

Klein (1946) sustenta que:

Se o desenvolvimento durante a posição esquizo-paranóide não progrediu normalmente e o bebê não pode, por motivos internos ou externos fazer face ao impacto das ansiedades depressivas, cria-se círculo vicioso. Pois, se o medo persecutório e os correspondentes mecanismos esquizóides são muito fortes, o ego não é capaz de elaborar a posição depressiva. Isso força o ego a regredir para a posição esquizo-paranóide e reforça os medos persecutórios e os fenômenos esquizóides mais anteriores. Fica assim estabelecida a base para várias formas de esquizofrenia na vida futura, pois, quando tal regressão ocorre, não apenas são reforçados os pontos de fixação na posição esquizóide como também há o perigo do estabelecimento de estados de desintegração maiores. Um outro resultado possível seria o fortalecimento de traços depressivos. (p.34)

Por outro lado, mesmo que a posição depressiva tenha sido alcançada e o ego mais fortalecido e integrado tenha sido capaz de fazer face às ansiedades depressivas, elaborando-as, não significa que esta aquisição psíquica permaneça intacta e inalterada ao longo de toda vida. Segundo Klein, a mente humana funciona dentro do interjogo das pautas esquizo-paranóide e depressiva, sendo que nenhuma delas é definitiva ao longo da vida. Mesmo que uma mente circule predominantemente dentro da pauta depressiva, mediante alguma demanda psíquica interna ou externa maior do que o ego pode tolerar, o psiquismo pode regredir à posição esquizo-paranóide, precisando acionar mecanismos de defesa mais arcaicos. Segundo Klein (1946):

Algumas flutuações entre a posição esquizo-paranóide e a depressiva sempre ocorrem e fazem parte do desenvolvimento normal. Portanto, não se pode traçar uma divisão clara entre dois estágios de desenvolvimento; além disso, a modificação é um processo gradual e os fenômenos das duas posições permanecem por algum tempo entrelaçados e interagindo em alguma medida. (p.35)

Mas voltemos ao narcisismo, que propositalmente deixamos um pouco de lado porque se fez necessário recuperarmos alguns parâmetros da teoria Kleiniana antes que pudéssemos verificar como Klein entendia esta questão. Agora temos subsídios teóricos para compreender que uma vez partindo de concepções básicas distintas das Freud, como as noções de ego e das relações objetais, Klein conseqüentemente teria uma visão diferente do narcisismo. Segundo ela (1952):

Algumas das minhas conclusões referentes aos primeiros estágios da infância são uma continuação das descobertas de Freud. A respeito de certos pontos surgiram entretanto, divergências, uma das quais é muito relevante para o presente tópico. Refiro-me à minha asserção de que as relações de objeto são operantes desde o início da vida pós-natal. Durante muitos anos, mantive a opinião de que o auto-erotismo e o narcisismo são, no bebezinho, contemporâneos da primeira relação com os objetos, externos e internalizados. Reafirmarei concisamente minha hipótese: o auto-erotismo e o narcisismo incluem o amor pelo objeto bom internalizado e a relação com o mesmo, o qual, na fantasia, constitui parte do corpo e do self amados. É para este objeto internalizado que, na gratificação auto-erótica e nos estados narcísicos, ocorre uma retirada. Concomitantemente, desde o nascimento está presente uma relação com objetos, primariamente a mãe (seu seio). Esta hipótese contradiz o conceito de Freud de que estágios auto-eróticos e narcísicos excluem a possibilidade de uma relação de objeto. (p.74)

Entendemos que na concepção de Klein (1952), tanto o auto-erotismo quanto o narcisismo são comportamentos defensivos que têm origem em uma fase primitiva do desenvolvimento psíquico quando o ego arcaico para se proteger de ameaças internas e externas (reais e imaginárias), necessitava acionar poderosos mecanismos psíquicos de cisão e projeção. A criança se volta onipotentemente para os bons objetos internos ao mesmo tempo em que projeta para dentro do objeto externo seus maus objetos, anulando assim sua influência ou existência, podendo desta forma se sentir, mesmo que na fantasia, e pelo menos por algum tempo, protegido e independente.

A possibilidade de aplacar a ansiedade persecutória recorrendo a práticas narcísicas é muito valiosa para o *self*, pois estas permitem temporariamente anular, dentro da mente do sujeito, a existência e a influência dos maus objetos externos e internos, mingando a fonte de tensão psíquica e o medo da desintegração frente a estímulos sentidos como insuportáveis.

Heimann (1982), faz uma distinção que consideramos pertinente entre o que a teoria kleiniana entende por auto-erotismo e narcisismo. Segundo ela, o auto-erotismo e o narcisismo não são tipos de comportamento muito diferentes um do outro e se referem ambos ao retorno na fantasia para os bons objetos internalizados, porém, o

narcisismo ocorre um pouco mais tarde, quando o ego já está em um estágio um pouco mais desenvolvido.

Segundo Heimann (1982),

(...) o auto-erotismo baseia-se em fantasias respeitantes a um bom seio internalizado e gratificador (mamilo, mãe) que é projetado numa parte do próprio corpo da criança, e, portanto, representado por essa mesma parte. Esse processo como que é facilitado, em certa medida, pela qualidade erotogênica dos órgãos da criança e o caráter plástico da sua libido. Devido a esta plasticidade, uma espécie de prazer (chupar o dedo, por exemplo) pode substituir a outra (mamar) que falta, sendo o prazer da boca suplementado por agradáveis sensações no dedo, que representa o seio nutriente materno. Os mecanismos introjetivos e projetivos servem, aqui, como uma defesa contra a frustração e protegem a criança de ser dominada pela ira e pela agressividade. Portanto, está habilitada a voltar-se para o seio real e externo e aceitá-lo quando reaparecer. As fantasias sobre o objeto interno, por conseguinte, preparam o caminho de regresso ao objeto externo, ao passo que, inversamente, o objeto externo fornece a experiência a partir da qual o objeto interno é construído. Assim, o objeto interno funciona, desse modo vital, como o núcleo para o crescimento e desenvolvimento de relações objetais. Essas considerações constituem uma reformulação da teoria original de auto-erotismo. Quando levamos em conta a oscilação da criança entre o seu objeto interno e externo (seio), não podemos continuar a encarar o auto-erotismo como uma fase definitiva do desenvolvimento que abrange um período determinado. Consideramos, antes, as atividades auto-eróticas como um modo de comportamento coincidindo com as atividades alo-eróticas, ou como estados transitórios dentro de um período que é rico em experiências com objetos; e isso não só porque o auto-erotismo está ligado a fantasias sobre um objeto interno, mas porque a relação real com o seio (e outros objetos) é de um caráter progressivo. (p.165)

Já no narcisismo, de acordo com Heimann (1982),

(...) a percepção é mais avançada e o princípio de realidade mais ativo. Isto é especialmente significativo no tocante à realidade interior, por exemplo, a frustração oriunda de fontes internas. Os estímulos internos desagradáveis não podem ser tão facilmente negados e projetados no exterior como na fase antecedente [auto-erotismo]. A capacidade de gratificação alucinatória é atenuada e a frustração mais sentida do que antes, quando o mecanismo de alucinação tinha um funcionamento mais fácil. Isto, creio eu,

corroborar a impressão de que existe uma diferença entre auto-erotismo e narcisismo e explica a observação de que o estado narcisista contém um elemento mais forte de agressão do que o auto-erótico. O fato de que, através do progresso na formação do ego, a percepção funciona melhor e a gratificação alucinatória é menos facilmente suscitada não pode deixar de influir na atitude da criança, face à experiência de frustração, e na distribuição das tendências libidinais e agressivas. Como a criança pequena está mais fortemente exposta à frustração (pelo abrandamento da alucinação defensiva), aumenta a hostilidade contra o objeto que se sente ser a causa de sua condição penosa; e quando se volta para o seu objeto interno age sob a pressão da hostilidade contra o objeto externo. Poder-se-ia dizer, a tal respeito que a diferença entre a simples gratificação auto-erótica e o comportamento narcisista é que, no primeiro caso, o recurso ao bom seio interno é a emoção determinante e, no segundo caso, é o afastamento do mau seio externo. (p. 165)

Heimann (1982) segue neste texto com importantes considerações acerca de como a teoria kleiniana entende o narcisismo adulto, exemplificando com observações clínicas como este se manifesta em estados hipocondríacos e em outras formas de doenças mentais como a paranóia e o comportamento delirante, e afirma que “o auto-erotismo e o narcisismo são modos empregados pelo ego infantil para enfrentar a frustração e de novo contraídos regressivamente, em certos estados psicopatológicos na idade adulta.” (p.169)

Com relação a este ponto, Klein (1946), foi literal ao afirmar que:

Outro traço típico das relações de objeto esquizóides é a sua natureza narcisista, a qual deriva dos processos infantis de introjeção e projeção. Pois, como sugeri anteriormente, quando o ideal do ego é projetado para dentro de uma outra pessoa, esta pessoa torna-se predominantemente amada e admirada porque ela contém as partes boas do self. De maneira semelhante, é de natureza narcisista a relação baseada na projeção de partes más do self para dentro de uma outra pessoa porque também neste caso, o objeto representa sobretudo uma parte do self. Ambos os tipos de relação narcisista com um objeto representam frequentemente fortes traços obsessivos. O impulso para controlar outras pessoas é, como sabemos, um elemento essencial na neurose obsessiva. A necessidade de controlar outras pessoas pode até certo ponto ser explicada por um impulso defletido de controlar partes do self. (p.31)

Ou seja, Klein considera o narcisismo como um comportamento defensivo produzido na posição esquizo-paranóide, que pode ser considerado normal dentro do psiquismo do bebê. O narcisismo na idade adulta surge também como um comportamento defensivo, fruto de uma regressão a estados mentais primitivos da posição esquizo-paranóide, que está presente em alguns estados psicopatológicos como a hipocondria, a paranóia e a esquizofrenia.

No entanto, particularmente acreditamos, fruto de observação clínica e da vivência de episódios na vida cotidiana, que mesmo na idade adulta o narcisismo é um comportamento que pode ser percebido dentro de um largo espectro psíquico, que vai da normalidade à patologia, dependendo em que pauta psíquica (depressiva ou esquizo-paranóide) uma mente permanece na maior parte do tempo.

Mesmo que Klein não tenha formalmente se pronunciado desta forma, pois ela se deteve mais na constatação de atitudes narcísicas nos estados psicopatológicos, julgamos que no plano teórico esta nossa percepção pode ser sistematizada dentro de parâmetros teóricos kleinianos. Ou seja, na medida em que Klein aceita que há uma oscilação normal entre as posições esquizo-paranóide e depressiva ao longo de toda a vida do homem, tornou-se possível entendermos o narcisismo como um estado mental que pode estar presente tanto na normalidade quanto na patologia, dependendo do grau, da finalidade e da persistência com a qual a mente humana precisa regredir à posição esquizo-paranóide, entrando em estados narcísicos.

Esta idéia já foi trabalhada por Green (1998) quando ele postulou a existência de dois tipos de narcisismo, um positivo, que é útil para a integração do ego e está a favor da pulsão de vida, e outro negativo, que ao contrário é desintegrador e trabalha a favor da pulsão de morte. Para estas duas formas de narcisismo Green (1998) cunhou respectivamente os termos narcisismo de vida e narcisismo de morte. O narcisismo de vida seria uma atitude psíquica positiva e necessária, representando para este autor uma defesa, um retraimento temporário e fundamental para a mente

humana, em momentos de grande tensão psíquica, poder recuperar a unidade do ego, neutralizando a existência, a influência e os afetos suscitados pelo objeto¹⁶.

Quando refletimos sobre esta atitude narcísica defensiva que propicia o alívio mental necessário para a mente desenvolver condições de tolerar a dor psíquica, não podemos deixar de lembrar da experiência descrita por Freud (1920), de sua observação da brincadeira de um garoto¹⁷ de um ano e meio de idade com um carretel amarrado a um cordão. Freud descreve esta criança como um bom menino, intelectualmente adequado para sua idade. Ele era considerado comportado, no sentido de que era obediente, dormia bem a noite toda e nunca chorava quando sua mãe se ausentava por algumas horas, apesar de ser muito apegado a ela. Esta criança sabia pronunciar sons significativos e tinha o hábito, segundo Freud, perturbador, de atirar seus brinquedos enquanto emitia um som de ó-o-o-ó com uma expressão de satisfação e interesse no rosto. Freud e a mãe da criança entenderam que este som se referia à palavra *fort*, que em alemão significa foi embora, partiu. Freud interpretou este hábito como uma espécie de jogo, no qual o menino brincava de mandar embora os brinquedos, para que alguém depois os trouxesse de volta. Segundo Freud (1920), este seu ponto de vista foi confirmado quando ele pode observar o menino brincar com um carretel de madeira, que tinha um cordão amarrado em volta dele. O garoto segurava o carretel pelo cordão e o atirava para fora do berço, fazendo-o desaparecer sob o cortinado. Quando o carretel desaparecia o menino emitia o seu som de ó-o-o-ó e depois puxava o cordão, fazendo o carretel reaparecer, emitindo então do som alegre de um *dá*, que quer dizer ali. Freud entendeu que esta brincadeira era um jogo de desaparecimento e retorno que dentro da experiência da criança, correspondia a uma renúncia temporária a alguma satisfação pulsional, que lhe permitia suportar que a mãe o deixasse por algumas horas, sem protestar.

Freud não disse isto, mas entendemos que este jogo permitiu à criança criar uma ilusão narcísica de onipotência, através da qual ela sentia que tinha o poder de controlar a partida e o retorno do objeto. Esta fantasia lhe permitiu tolerar a ausência

¹⁶ O narcisismo positivo seria, nas palavras de Green (1998), “o desejo do Um com apagamento da marca do desejo do Outro” (p.23).

de sua mãe e principalmente mantê-la em sua mente como um bom objeto, e portanto, sem ressentimento ou ódio por ter sido privado de sua presença, podia regozijar-se com seu retorno. Caso contrário, a criança diante da frustração ocasionada pela ausência do bom objeto gratificante, poderia transformar a mãe, em sua mente, num mau objeto abandonador, o que geraria uma forte ansiedade persecutória.

Green alerta que este retraimento narcísico que tem finalidade de anular no Eu os sentimentos suscitados pela existência Outro, apesar de propiciar uma ilusão de independência que é importante para a unidade e integração do ego, pode se tornar perigoso, dependendo do grau de retraimento e de ódio, pois o ego não pode substituir totalmente e para sempre o objeto. Segundo Green, o risco reside na troca psíquica de um retraimento para a unidade por ressentimento e ódio, que seria então

(...) a busca ativa não da unidade, mas do nada; isto é, de uma redução das tensões ao nível zero, que é a aproximação da morte psíquica. (p. 25)

No momento em que viver é se livrar de todo desejo e de todo sentimento desconfortável, não se trata mais apenas de uma submissão ao princípio do prazer, mas sim a busca ativa do prazer como princípio de vida: ou seja, dependendo do grau de intolerância psíquica e conseqüente retraimento, a vida pode ir se transformando em morte psíquica e do narcisismo de vida o psiquismo vai caminhando para o pólo oposto e negativo que Green (1998) chamou de narcisismo de morte.

Quando Green (1998) afirma que o retraimento narcísico próprio do narcisismo de morte está relacionado à instalação do ódio e do ressentimento, ele está em linha com a definição de Heimann (1982) de narcisismo, segundo a qual o apego aos objetos bons internalizados se deve menos à busca do objeto bom interno e mais ao afastamento do objeto sentido como mau, externo.

¹⁷ Freud diz que ele conviveu por algum tempo sob o mesmo teto com esta criança e sua família, mas ele não disse quem era esta criança, mas Jones (1989), afirmou que se tratava de um neto de Freud.

Heimann (1982) exemplifica esta sua idéia através de uma análise do comportamento narcísico na hipocondria. Nos estados hipocondríacos o paciente retira quase todo o interesse do mundo externo e se concentra apenas na preocupação com a parte doente de seu corpo, sentindo-se assim impossibilitado de trabalhar e se responsabilizar por si mesmo e por sua família. Segundo Heimann, o hipocondríaco não chega a ter consciência da culpa que sente pela abstenção do trabalho e por se transformar em um fardo para a família, pois esta é convertida no sofrimento causado pela doença. Ou seja, o hipocondríaco racionaliza que ele não pode trabalhar por causa de sua doença, encobrendo com isto uma condição psíquica muito complexa que envolve uma cisão entre o ressentimento e aversão pelos objetos externos sentidos como demandantes e acusadores e o objeto bom interno representado pelo órgão doente.

Nas palavras de Heimann (1982):

Esta seqüência: frustração pelo objeto externo (seio materno), real ou imaginada e, mais frequentemente, uma mistura de ambas; aversão, medo persecutório do objeto odiado, e, portanto perigoso; o afastamento dele e a busca de prazer em fontes interiores do eu (órgãos corporais), constitui, na minha opinião, o núcleo dos estados hipocondríacos. Eu concluiria também que, na condição infantil há um equivalente da dor e ansiedade relacionadas com o órgão na hipocondria adulta, isto é, que na condição infantil também há um certo grau de limitação da gratificação obtida. Isso, creio eu, leva a uma hipercatexa compensatória do órgão (objeto interno) com libido e a uma rejeição excessiva do objeto externo.

A bondade do objeto interno, que é tratado como do eu e representado por uma parte do corpo do sujeito, como que se alimenta do mau objeto externo. Por outras palavras, para manter o eu bom e o objeto internalizado (que se funde com o eu) benevolente e útil, o sujeito em condição narcísista odeia e rejeita o objeto no mundo externo. Assim, ódio e rejeição formam uma importante parte dessa defesa contra a frustração, que se baseia na técnica de cindir o amor e o ódio, com a correspondente cisão e desdobramento do objeto bom /interno e mau/externo. (p.168)

Heimann (1982) também cita o comportamento narcísico que está presente em estados paranóicos, onde o ciúme delirante e o medo da perseguição, que surgem pela

intolerância à presença de sentimentos de culpa, levam a mente a acionar as defesas de projeção e negação. Para Heimann (1982),

(...) a intolerância por uma pessoa do sentimento de culpa, significa essencialmente, a sua intolerância em admitir, mesmo para ela própria, que existe algo de mau nela, Isto é, que algo é mau no próprio paciente e não pode ser repudiado como um objeto estranho dentro dele. O resultado da técnica de projeção delusória é duplo: medo de perseguição pela pessoa escolhida para tal projeção e uma convicção da boa qualidade do que é sentido como eu. Poder-se ia dizer que o indivíduo paga o tributo da perseguição a fim de gozar a complacência para consigo próprio.

Portanto, a hipótese é que, na condição narcisista, o objeto externo é odiado e rejeitado, pelo que a pessoa ama o objeto interno que se fundiu com o eu e nisso sente prazer. O objeto externo e sua representação interna (obtida através da introjeção) ficam, portanto, nitidamente divididos. Contudo a técnica de cindir o objeto em dois deriva de (e pressupõe) uma premissa fundamental: a de que, de algum modo, os dois são só um. A técnica apenas parcialmente tem êxito e o prazer do narcisismo é incompleto, muito mais que no simples auto-erotismo gratificador de um desejo. (p. 169)

Apesar de Klein não ter mencionado, acreditamos que na condição narcísica, o retraimento para os objetos internos diz respeito não só à fuga ou ódio do objeto tido como mau, mas também diz respeito a uma tentativa de escapar dos afetos suscitados pela existência de um objeto bom (ou idealizado) externo. Isto porque na medida em que o sujeito tem um bom objeto e este não está sob o controle pulsional, pois o objeto tem sua própria individualidade, o sujeito fica automaticamente dependente da vontade, da disponibilidade e do amor do objeto, o que pode se transformar em uma fonte de incontáveis frustrações e desencadear mecanismos narcísicos de controle, cisão e negação. Na verdade, o que o narcisista tenta evitar é o sentimento desconfortável de impotência e de frustração mediante a alteridade do objeto, e por isto, quanto melhor e mais idealizado é o objeto, mais dificuldade terá o narcisista para lidar com o sentimento de dependência.

6. O NARCISISMO NA CLÍNICA

“O narcisista parece amar somente a si próprio. Se imaginarmos que a relação do narcisista consigo mesmo tem sido amorosa e de bastante duração, e se dissermos que depois de algum tempo o narcisista não se olha mais no espelho, mas admite que o outro é o espelho, aí sim, estamos próximos da compreensão psicanalítica contemporânea da personalidade narcísica”

Christopher Bollas

6. O NARCISISMO NA CLÍNICA

A autora compartilha da opinião de Ferro (1995) de que toda análise tem sua história própria e que cada sessão de análise é um acontecimento único. Os relacionamentos analíticos são cuidadosamente construídos ao longo do tempo através de sucessivos encontros entre duas mentes específicas (daquele analista e aquele analisando), que em todos os momentos durante as sessões estão trabalhando juntas, podendo, como resultado deste trabalho, viver um amplo processo transformador. Por isto que em cada encontro clínico, a atmosfera, o ritmo e a sincronia do trabalho analítico podem variar muito, ainda que se tratando do mesmo paciente e do mesmo analista.

Apesar do fato de cada sessão de análise ser um episódio singular e cada relacionamento analítico ser único, a autora constatou em sua prática clínica que mesmo dentro da especificidade do mundo mental de cada analisando ou da exclusividade do trabalho de cada dupla analítica, há alguns fenômenos psíquicos semelhantes que emergem, se repetem e vão se transformando, mesmo em relacionamentos analíticos distintos.

No relacionamento analítico, como em todo relacionamento, o paciente traz consigo e vai aos poucos revelando ao analista a sua visão do mundo e de si mesmo, seus conflitos, seus temores, suas fantasias, seus sofrimentos, suas alegrias, suas angústias, suas defesas e suas ações ou reações diante das mais diferentes situações em sua vida. E é ao longo do tempo e através dos relatos dos diversos pacientes, de suas reações às intervenções do analista, nas oscilações na atmosfera das sessões,

que o analista pode observar que algumas características psíquicas muitas vezes se repetem em diversos atendimentos e que poderiam ser didaticamente agrupadas, com o intuito de se estudar um fenômeno mental, mesmo que todas estas características não sejam comuns a todos os atendimentos, mas sim à sua maioria.

Como já apontamos em outro momento desta dissertação, percebemos que é comum em análise a emergência de um fenômeno psíquico que transparece ao analista através de certas atitudes ou comportamentos que acontecem dentro do contexto analítico e que dizem respeito ao relacionamento do analisando com o analista (um objeto externo) ou do analisando consigo mesmo (um objeto interno). A partir da descrição de Freud (1914) classificamos este fenômeno observado sob a nomenclatura de narcisismo e este comportamento de narcisista e verificamos através de nossa vivência clínica que a emergência de movimentos narcísicos dentro das sessões dão uma tonalidade específica a cada análise, podendo dificultá-la ou mesmo impedi-la se o analista não consegue acolhê-los e transformá-los.

Freud (1915) postulou que “o verdadeiro início da atividade científica consiste antes da descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação.(...) Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis e coerentes numa determinada área.” (p.123)

Fiel a estas idéias a respeito da construção do conhecimento científico, a edificação do modelo Freudiano do funcionamento mental se tornou possível a partir da aguçada percepção de Freud dos fenômenos psíquicos e sua capacidade de compreendê-los, agrupá-los e classificá-los. E apesar de Freud ter sido um homem muito à frente de seu tempo se considerarmos suas descobertas acerca do psiquismo humano, ele viveu em um momento histórico onde as ciências biológicas e o positivismo como metodologia de pesquisa científica reinavam absolutos.

O olhar positivista assim lançado sobre os fenômenos psíquicos levou Freud a desenvolver uma concepção fundamentalmente biológica do homem. Mas o modelo

teórico de Freud, além de biológico era também relacional, pois ele considerou que organismo humano necessita de outros organismos humanos e de um entorno favorável para desenvolver-se e humanizar-se. Mas Freud descreveu os relacionamentos humanos a partir da única perspectiva que encerrava atributos passíveis de aceitação pela comunidade científica de sua época: o relacionamento entre o sujeito e seus objetos se dá sob uma perspectiva unipessoal, onde a procura e o encontro com o Outro diz respeito basicamente à satisfação de uma necessidade pulsional, motivada por um impulso biológico inato de sobrevivência.

Podemos perceber claramente não só na clínica, mas também examinando a vida humana, que Freud (1915) estava coberto de razão quando afirmou que o homem é um ser pulsional. Basta observarmos como o ser humano anseia por prazer, se inunda de expectativas e desejos e é acometido por impulsos de amor e de ódio que muitas vezes fogem de seu controle e de sua consciência. Mas parece que há algo mais além da pulsão que não ocorreu a Freud.

Melanie Klein, que não estava comprometida com a edificação de uma ciência dentro dos moldes reinantes em seu tempo e motivada apenas por sua percepção dos movimentos psíquicos, principalmente a partir de sua experiência ao analisar crianças e também de sua vivência pessoal, conseguiu abrir uma nova perspectiva clínica e teórica para a psicanálise, fundamentalmente no que diz respeito à sua visão do psiquismo humano acontecendo através do contato afetivo e da relação entre sujeito e objeto, que foi posteriormente difundida e ampliada por outros importantes psicanalistas.

Para Klein (1952), além da pulsão e os investimentos libidinais dela resultantes, há fantasias, desejos e sentimentos como amor, ódio, inveja, culpa, consideração ou gratidão que perpassam, motivam e dão o tom aos relacionamentos humanos e que estão presentes desde o princípio da vida de um ser humano. Através desta nova perspectiva, a análise dos processos psíquicos se tornou substancialmente mais abrangente e esclarecedora.

Por esta razão e como percebemos que as atitudes narcísicas e o narcisismo são fenômenos que emergem no interior dos relacionamentos humanos, entendemos que além de buscarmos os fundamentos teóricos de nosso estudo no interior da teoria freudiana do narcisismo secundário (que pressupõe uma relação objetal), que poderíamos também acrescentar o entendimento deste fenômeno a partir da concepção kleiniana das relações objetais, que além de ser mais abrangente, tem uma maior aderência ao que e como observamos acontecer na clínica. Ou seja, gostaríamos de estudar o fenômeno do narcisismo não apenas sob a perspectiva de um circuito interno do psiquismo do indivíduo que narcisicamente se comporta, mas como o narcisismo acontece dentro dos relacionamentos humanos, qual a sua função, como o analista e o analisando o vivenciam e quais as possibilidades de transformá-lo, com vistas ao desenvolvimento psíquico do indivíduo.

A autora vem observando em sua clínica que alguns pacientes chegam para procurar ajuda mas se comportam como se não precisassem de ajuda. Nos primeiros contatos são formais e falam de forma calculada, são educados, mas tratam o analista com uma espécie de superioridade indiferente ou um certo desprezo. Preocupam-se excessivamente com a impressão que estão causando e se angustiam com o que imaginam que o analista estaria pensando a seu respeito, precisando constantemente se assegurar de que este concorde e aprecie suas idéias.

Estes pacientes são pródigos para racionalizar, articulando bem idéias e construindo verdades dentro de sua própria mente que não são checadas através da experiência ou observação. De fato confundem construtos mentais com percepção e acreditam plenamente no que pensam, esperando que o analista esteja de pleno acordo com suas idéias. Como é comum julgarem que se auto-analisam e que têm plena consciência de seu universo psíquico, podem, em sua mente, ignorar o analista, transformando-o em um mero espectador, esvaziando sua análise.

Dentro desta constelação psíquica os pacientes em geral acreditam que a causa de seus dissabores vem inexoravelmente do mundo externo. Sentem-se espoliados, desconsiderados e muitas vezes mal amados, depositando toda responsabilidade nas pessoas com quem convivem e transformando sua vida no que sentem como um

fardo injusto e pesado. Como desconhecem que possuem um universo mental particular e interno, com sua estrutura psíquica equivalente, que faz com que mesmo inconscientemente possam acionar mecanismos de defesa que os faz agir ou reagir de uma determinada forma no mundo externo, raramente admitem ou reconhecem que possam ter contribuído, mesmo que involuntariamente para sua insatisfação, e imaginam que somente poderiam ficar contentes se seu entorno fosse diferente do que é, e mais parecido com o que gostariam que fosse.

Estes pacientes durante muito tempo apenas poderão usar a análise para desabafar a mente de suas angústias e o analista neste período, não poderá ser percebido como o interlocutor de um processo de desenvolvimento psíquico, mas apenas como o depósito de toda descarga psíquica que o paciente não pode tolerar dentro de si e que precisou projetar para fora. Também não é raro o paciente tentar envolver o analista em uma espécie de conluio, cujo intuito inconsciente é convencer o analista e ao mesmo tempo reforçar sua própria fantasia de que ele tem sido vitimizado por seu entorno, com o propósito inconsciente de preservar seu status psíquico e evitar a dor de se perceber responsável por seus próprios estados emocionais.

Outros pacientes dentro deste universo psíquico não chegam a ser propriamente queixosos, mas podem permanecer ostensivamente silenciosos, ou no outro extremo, se tornar muito falantes durante as sessões. Nestes casos, observamos que o silêncio não é reflexivo ou contemplativo, mas ostensivo e carregado de conteúdos persecutórios, e a fala não é propriamente uma troca ou a elucidação de alguma percepção ou observação, mas sim uma espécie de tagarelar cujo conteúdo não raro se refere a assuntos de interesse geral ou sobre a vida de uma terceira pessoa.

Apesar de muitas vezes não poderem reconhecer, estas pessoas como todos os seres humanos, têm o desejo de nunca sentir angústia ou dor, de se sentirem importantes, de serem reconhecidos, amados e atendidos incondicionalmente e sem delongas. Mas percebemos que dentro desta constelação psíquica que estamos estudando, é insuportável para as pessoas não terem seus desejos realizados em sua

plenitude e imediatamente. Não podem esperar e nem mesmo transformar suas solicitações ou demandas e acreditam piamente que fazem jus, ou seja, que seria justo receberem de seu entorno tudo o que querem, como querem e quando querem. Se isto não acontece, se sentem rejeitados, inferiorizados ou preteridos, e podem reagir com uma fúria incontrolável. Dominados pelo ódio, que emerge automaticamente fruto de alguma frustração, podem se tornar agressivos. Estão quase sempre com raiva e insatisfeitos, pois qualquer frustração é sentida como uma retaliação, uma atitude proposital, maliciosa ou negligente do entorno, que é percebido como hostil ou maldoso; as coisas boas que lhes acontecem ou que recebem de outras pessoas, são dadas como certas, tinham o direito a elas; as coisas sentidas com ruins, por seu lado, são a prova viva da hostilidade do mundo externo.

Apesar de requisitarem que todos à sua volta percebam seus desejos e os atendam incondicionalmente, estes pacientes são pouco capazes de enxergar a necessidade, a individualidade e o desejo do Outro porque não toleram as diferenças e os conflitos de interesses que naturalmente emergem nos relacionamentos humanos, fruto do fato de não existirem duas mentes iguais, e cada pessoa, além de ter seus próprios desejos, fantasias, sonhos e objetivos, sente e percebe o mundo e seus objetos através das lentes de seu próprio mundo interno. Como a diversidade e a diferença geralmente implicam conflito de interesses, que gera frustração e que por sua vez produz dor psíquica, estes pacientes, que são fundamentalmente pouco tolerantes, tentam submeter o Outro a seu esquema psíquico e pulsional, tornando-se por esta razão extremamente controladores e autoritários. Na sua fantasia, o Outro deve se dissolver em seu Eu, formando uma só pessoa, eliminando magicamente os conflitos e a dor psíquica.

A incapacidade de discriminar o Eu do Outro e de tolerar frustrações por não ter seus desejos plena e imediatamente atendidos, dificultam a construção de vínculos afetivos verdadeiros. Alguns pacientes, com o intuito de evitar quaisquer estímulos emocionais desagradáveis, se isolam do convívio social. Além de se isolarem, muitas vezes também são isolados pelas pessoas à sua volta, pois são comumente percebidos como difíceis, arrogantes, egoístas e impacientes, despertando um alto grau de rejeição em seu círculo familiar, social e profissional.

Estes hábitos mentais que observamos nestes pacientes claramente não abarcam toda sua personalidade, mas ocupam uma boa parte de sua vida psíquica. Apesar de se comportarem com arrogância e autoridade, como se fossem fortes e poderosos, são inseguros a respeito das próprias capacidades. Sentem-se desamparados pois têm a noção de que não podem cuidar e contar consigo mesmos, tentando exigir do mundo externo que assim o faça, de preferência sem lhes produzir conflito ou trabalho mental, que não são capazes de tolerar.

Nem sempre estes pacientes percebem que estão se comportando como se fossem diferentes do que realmente são, enganando até a si próprios. Escondem-se atrás de um poderoso escudo protetor que oblitera as diferenças, os conflitos psíquicos, a dúvida, o sentimento de rejeição, de impotência e de inferioridade, trazendo consequências desastrosas para seu psiquismo e para sua vida em sociedade.

Tomando emprestado um termo utilizado por Stern (1992), sentimos que falta a estes pacientes a apropriação de um *senso de eu*, que entendemos como sendo a percepção de alguma integridade e capacidade pessoal interna que não é racional ou imposta por uma decisão ou força de vontade da própria pessoa ou quem quer que seja, mas sim algo que pode ser sentido desde dentro, que permite ao ser humano vir a ter a noção, mesmo que não explícita, de que ele tem um corpo único e distinto; de que ele é o agente de suas ações e responsável pelas consequências de seus atos; de que ele tem um mundo interno próprio e é responsável por seus sentimentos, por seus impulsos e outras emergências de seu mundo interno; de que ele tem domínio sobre seus próprios impulsos e não é submetido a eles; da noção de que ele experimenta sentimentos e sensações que são diferentes daquelas experimentadas por outras pessoas; a capacidade de discriminar entre o que surge dele e de sua personalidade e o que vem do esquema mental e pulsional do outro; e ainda, a capacidade de cuidar de si mesmo e zelar pelos relacionamentos que ele constrói.

Acreditamos, assim como postulou Klein (1952) que este sentimento de identidade, ou em sua terminologia, o ego arcaico, já existe desde o início da vida e

pode ir se desenvolvendo e aprimorando ao longo do tempo, de forma que se formos razoavelmente bem sucedidos, poderemos vir a ter com uma crescente maturidade psíquica, a valorosa percepção não só de que nós somos alguém no mundo, mas também de quem nós somos no mundo.

E é neste momento que entendemos que entra a espinhosa questão do narcisismo: se o desenvolvimento do ego se dá através e dentro das relações que o indivíduo estabelece com seus objetos, primeiramente a mãe ou o seio dela, e no narcisismo a relação é do Eu consigo mesmo, com a anulação dentro da mente do indivíduo da existência e do vínculo com o objeto externo, o narcisismo é um fenômeno que dificulta o desenvolvimento do ego. Mas paradoxalmente, o indivíduo que possui um frágil sentimento de identidade, ou o que poderíamos chamar de um ego fraco, irá, mesmo sem se dar conta, adotar um comportamento claramente narcísico, que é justamente uma tentativa inconsciente de proteger o que lhe resta de ego ou de identidade pessoal, tentando sobrepujar a sua fragilidade e seu sentimento de impotência de forma mágica, acreditando ser e dando a impressão de ser mais forte e poderoso do que de fato é, criando um círculo vicioso difícil de ser rompido.

Acreditamos que a emergência de atitudes narcísicas é um correlato defensivo necessário para que o homem consiga equilibrar a falta de ter amadurecido psiquicamente, o que lhe permite constituir ainda que de forma ilusória, a sensação de ter uma identidade pessoal e uma integridade psíquica. Ou seja, a atitude prepotente e onipotente pode esconder sentimentos reais de impotência e incapacidade; o isolamento e a megalomania podem encobrir sentimentos de inferioridade e humilhação; os episódios de ira podem mascarar a fragilidade psíquica; a atitude egoísta e o comportamento exibicionista podem estar disfarçando a mal tolerada dependência do reconhecimento e do amor incondicional do outro.

Há na mitologia grega um personagem descrito por Ovídio nas Metamorfoses, Narciso, que foi citado por Freud (1914) quando pela primeira vez ele sistematizou e definiu o narcisismo. Narciso acabou se transformando no paradigma da teoria freudiana do narcisismo e seu nome emprestado para definir este fenômeno, que está amplamente divulgado não só na psicanálise, mas também foi adotado pelo

senso comum, que usa o termo para qualificar alguém que se auto-admira ou é muito egoísta.

Mas como pontuou Gallego (2001), Narciso não era um “narcisista no senso comum da palavra, que inclui a idéia de auto-admiração, de excessivo amor-próprio ou de endeusamento da auto-imagem – até porque não a tem constituída em sua realidade psíquica.” (p. 766). E teremos a oportunidade de verificar que este mito, ao contrário de oferecer um modelo literário do conceito de auto-admiração, se adequa mais à representação de um estado mental próximo do que descrevemos anteriormente, no qual o sujeito fica mais voltado para si mesmo, funcionando quase que em circuito interno, onde seus desejos são sentidos como prioritários e imperativos, independente das motivações do Outro e dos dados da realidade, que são muito pouco percebidos objetivamente, pois para Narciso, o outro é um espelho no qual ele se reflete, mas sem se dar conta de que o que ele vê não é o Outro, mas apenas um reflexo de si mesmo, no Outro.

7. O MITO DE NARCISO

7) O MITO DE NARCISO

De acordo com Ovid (1955), Narciso foi concebido quando Céfiso, um rio violento, estuprou Liríope, uma ninfa dos rios, diáfana e evanescente. Narciso era belíssimo desde bebê e todos que o viam, se apaixonavam por ele.

Liríope, encantada com o filho, mas também ansiosa sobre o seu futuro, foi interrogar o grande vidente Tirésias, que profetizou que Narciso viveria até a maturidade desde que ele não viesse a se conhecer. Esta fala oracular soou vazia e sem sentido a Liríope, mas com o tempo provou ser verdadeira.

Nada mais é dito sobre Liríope ou Céfiso, nem mesmo sobre a infância de Narciso, que reaparece no mito já adolescente. Narciso continuava lindíssimo e parecia flutuar sobre o mundo, alheio a tudo e a todos. Muitos rapazes e garotas se apaixonavam por ele, mas não tinham coragem de se aproximar, pois Narciso parecia ser um rapaz altivo e orgulhoso, tal era a formosura que exalava de seu corpo belo e suave.

Assim Narciso permaneceu, até que um dia quando vagava sozinho pelos bosques após ter se perdido de seus companheiros, foi visto por Eco¹⁸, uma ninfa dos bosques que imediatamente se apaixonou por ele e desejou-o ardentemente. Mas quando Eco conseguiu se aproximar de Narciso, enlaçando o seu pescoço, este a rechaçou veementemente. Eco, sentindo-se rejeitada e consumindo-se de amor e mágoa, definiu e o que restou dela foi apenas sua voz, que até hoje ecoa por todos os lados nas montanhas.

Narciso desconsiderou os sentimentos de Eco, assim como os de todos outros admiradores, fossem eles homens ou espíritos das águas e das florestas. Então, um

¹⁸ Eco costumava distrair a deusa Hera com suas histórias sem fim enquanto as outras ninfas que namoravam seu marido, Zeus, teriam tempo para fugir pelas montanhas sem serem vistas pela deusa. Quando Hera descobriu esta artimanha de Eco e condenou-a a apenas repetir as últimas palavras do que ouvia, sem poder ela mesma se expressar.

daqueles seres que se sentiu desprezado por Narciso, ergueu suas mãos aos céus e rogou que Narciso viesse a amar alguém que ele jamais pudesse ter. Nêmesis, a deusa da vingança, ouviu e aceitou sua prece. E assim começava a se cumprir o estranho vaticínio que caía sobre o destino de Narciso, que foi precocemente previsto por Tirésias.

Narciso estava exausto de uma caçada que estava empreendendo em pleno calor do dia e acabou sendo atraído pelo frescor, beleza e silêncio de um recanto banhado por uma fonte de água e rodeado de um gramado que permanecia sempre verde. Narciso bebeu da água da fonte, mas quando pensou ter se saciado, uma outra sede cresceu de dentro dele e ele voltou à fonte. Enquanto bebia da fonte, viu e se encantou com a sua linda imagem refletida no espelho das águas e ficou paralisado, com o olhar fixo em cada um de seus traços, maravilhado. Ele a princípio não pode compreender que aquele rapaz não era um Outro, mas sim um mero reflexo dele mesmo. Iludiu-se com a imagem enganadora que seus olhos viam e sem se dar conta, amou e desejou desesperadamente a si mesmo.

Narciso acredita que o rapaz que ele vê na água lhe devolve olhares afáveis, sorri quando Narciso sorri para ele e até derrama lágrimas se Narciso chora, lhe deixando esperançoso, para em seguida frustrar-se, pois o rapaz nunca se deixa tocar e nada faz para vir ao encontro de Narciso por mais que este suplique. Narciso se desespera, se sente rejeitado e injustiçado. Sofre profundamente, pois em alguns momentos se sente frustrado e impotente, e em outros, vítima de um rapaz cruel e insensível que não correspondeu ao seu amor como ele desejava ser correspondido. Para Narciso, ninguém como ele jamais sentiu um amor tão cruel, enganador e impossível.

Quando Narciso se dá conta de que o rapaz que ele ama é ele mesmo, primeiro se sente aliviado, vivendo a embriaguez da totalidade, para em seguida uma forte dor vir dominar todo seu ser. Narciso se aterroriza quando percebe que é sua própria plenitude que o empobrece e o torna impotente: ele jamais poderá ter o que quer. Narciso, oscilando entre amor e ódio, ver-se-á sem saída, pois jamais

poderá separar-se de si mesmo e realizar seu desejo. Suas constatações são muito dolorosas:

Sou eu mesmo o rapaz que eu vejo. Eu sei, meu próprio reflexo não me engana. Estou ardendo de amor por mim mesmo! Sou eu mesmo que acendo as chamas que depois tenho que suportar. O que eu devo fazer? Cortejar ou ser cortejado? Mas o que eu estou buscando ao me cortejar? Tudo o que eu desejo eu possuo. Minha plenitude é que me faz pobre. Como eu desejo separar a mim mesmo de meu corpo! Uma súplica de um amante que deseja o objeto que ama distante! Agora o pesar está minando minhas forças; pouca vida resta em mim – eu sou podado na flor da minha juventude. Eu não discuto com a morte, pois na morte eu devo esquecer a minha dor. (Ovid, 1955, p.84).

E assim Narciso veio a se conhecer, cumprindo o vaticínio que pesava sobre ele. Narciso se entregou ao sofrimento até que sobreveio a morte, levando junto com ela a dor de Narciso, assim como sua juventude e sua beleza. A morte levou também seu corpo, mas os deuses se apiedaram dele e o transformaram em uma flor, com pétalas brancas em torno de um círculo amarelo, que conhecemos hoje com o nome de Narciso.

Os mitos nascidos no seio da civilização grega são fruto da necessidade daquele povo de dar um sentido e uma explicação para sua existência, para as forças da natureza e para o surgimento da vida, fazendo com que seu universo desconhecido e assustador pudesse se tornar mais familiar e menos inóspito. Os mitos refletem a realidade viva do homem grego, a elaboração de suas dúvidas e inquietações, sua atividade imaginativa e sua forma de expressar e compreender seu mundo interno e externo.

De acordo com Migliavacca (1992):

Os mitos tinham um significado em seu tempo. Eram uma forma de elaborar as contradições da própria existência. Organizando o mundo, davam um significado ao incompreensível, pois trazem o desconhecido para dentro do mundo conhecido e ajudam a quebrar as barreiras entre os homens e a massa intratável de fenômenos que os rodeiam. Em sua época, os mitos não eram histórias de entretenimento e muito menos curiosidades; denotando a clara

percepção dos conflitos que se criam no espírito do homem, os mitos tinham como finalidade, dentre outras, a de trazer alívio às perplexidades que o perturbavam e que sua razão ainda não conseguia abarcar. Sem deixar de acentuar o quanto a condição humana é frágil e pequena diante da divindade e do universo infinito, evidenciam também a engenhosidade do homem no trato com o divino. (pg.32)

Nos primórdios da cultura grega, os mitos eram cantados em solenes apresentações em praça pública e viveram no imaginário coletivo por longos anos, preservados apenas pela tradição oral. As fontes básicas de referência aos mitos são as Epopéias, que são os cantos que antes estavam esparsos e que foram agrupados em versos muitos séculos depois, aproximadamente no século XI a.C., por Homero. A poesia épica trata basicamente da vida dos heróis, de seus inimigos, suas lutas, sua relação com as divindades. Os heróis eram modelos bastante idealizados de bravura, valentia, coragem, ousadia ou prudência mas que estavam vulneráveis, submetidos à vontade e aos caprichos dos deuses, devido à sua condição humana e mortal. Segundo Lesky (1971),

Na poesia homérica (...) o homem é colocado face aos deuses. Os bem-aventurados imortais podem, quando lhes apraz, curvar-se graciosamente para o pobre mortal, ajudando-o em algumas de suas necessidades. Mas a cada instante podem voltar-lhes as costas e por à mostra o abismo insondável que separa sua bem-aventurança dos tormentos daqueles a quem a morte governa. (Pg.19)

A tragédia, que surgiu mais ou menos cinco séculos depois da épica¹⁹, tem como matéria prima original o canto heróico, trazendo profundas modificações que refletiam as transformações pelas quais passou o homem grego ao longo do tempo. O herói, de quem o grego se considerava descendente, passa na tragédia, de modelo (da épica), a problema. O herói que antes era um ideal de valor, passa a ser questionado, debatido diante do público (Vernant,1999). O homem trágico tem que decifrar o enigma da própria vida, o que o torna objeto, além de sujeito de suas reflexões e investigações. Revela uma transformação na visão do homem a respeito de si mesmo, que passa a ser responsável por seus atos, aquele que sofre as

¹⁹ São dois os poemas épicos descritos por Homero, a Ilíada e a Odisséia.

consequências em sua própria carne do seu modo de ser e de viver. Percebendo-se dotado de um mundo interior, ver-se-á às voltas com um outro desconhecido dentro de si mesmo e há que pagar o preço por todos os seus atos, conscientes ou não.

Segundo Migliavacca (2000), do ponto de vista da tragédia grega, o sujeito da ação trágica está necessariamente enredado em um conflito insolúvel, do qual ele vai aos poucos se conscientizando. O homem trágico vai então sofrer conscientemente e caminhar a passos largos em direção ao inevitável cumprimento de seu destino. E com Narciso não foi diferente, cumpriu-se o destino profetizado por Tirésias.

Narciso nas *Metamorphosis* nos é apresentado quase sem história, suspenso, alheio e envolto em uma bruma: um feliz caçador dos bosques, livre de conflitos, um ser encantador, lindíssimo, que poderia ao mesmo tempo ser considerado menino ou menina. Nada é falado no mito sobre a infância de Narciso, que provavelmente jamais foi cuidado ou acolhido por sua mãe, que a princípio não poderia fazê-lo, uma vez ninfa e evanescente. Muito menos por seu pai, violento e ausente. Sua mãe embriagada por sua beleza, apenas temia por seu futuro, mas de Narciso não se ocupou. Ela foi verificar suas suspeitas com Tirésias, que previu um destino terrível a Narciso. Este vaticínio foi desconsiderado por sua mãe, que não pode compreendê-lo e muito menos fazer algo para evitá-lo.

Narciso aparece no mito já adolescente, lindo e alheio a tudo e a todos. Claro, parece que nenhuma presença viva povoou a vida ou a mente de Narciso em sua infância. Nenhum olhar significativo de sua mãe parece ter caído sobre a pessoa de Narciso. Liríope que viu apenas a beleza de seu filho, ocupou-se vagamente de seu futuro e jamais de seu presente, não pode dar-lhe a chance sequer de sentir-se importante para alguém, que dirá a possibilidade de sentir-se alguém.

Narciso, que não teve a oportunidade de viver a presença de um Outro em sua vida concreta ou mental, quando adolescente rechaçava todos os seres que se interessavam por ele. Narciso parecia arrogante e orgulhoso a estes jovens, que

desprezados, sentiam um forte desejo de vingança. Mas esta atitude de Narciso não era proposital e voltada diretamente contra as pessoas que se aproximavam dele. Seu comportamento parecia prepotente e arrogante, mas Narciso não fazia isto por imaginar-se superior aos outros ou por arrogar-se qualidades elevadas.

Seu trágico destino começou a acontecer no momento em que Eco se apaixonou por ele. Narciso não pode tolerar a sua existência, seu desejo e também a sua presença, e ferozmente a rechaçou. Eco definhou até a morte, pois não pode suportar aquilo que ela interpretou como sendo uma rejeição a ela.

De fato Narciso não foi delicado ou empático para com os sentimentos de Eco, mas esta atitude não pode ser considerada uma maldade proposital de Narciso, dirigida diretamente contra a pessoa de Eco. Narciso era frágil e não pode suportar a demanda sobre ele depositada de satisfazer o desejo de Eco de ser amada e reconhecida por ele. Eco, mesmo com a limitação de apenas poder repetir as últimas palavras de Narciso, tentou impor a ele sua presença e sua existência. E esta invasão foi insuportável para Narciso, pois Eco, sem querer, perturbou o idílio que Narciso vivia consigo mesmo. Ele que flutuava solenemente sobre todas as coisas e até sobre si mesmo, foi interrompido por uma requisição persistente de um Outro do mundo externo. E Narciso reagiu à altura: rechaçou-a sem piedade. Não por ser Eco, ou por ele ter observado e desgostado das características pessoais dela, mas apenas porque ele foi incomodado em sua paz pelo desejo de outrem.

Foi a partir deste momento que Narciso, que não se conhecia, foi obrigado a se ver, a saber muito bem quem ele era e finalmente constatar que a plenitude de bastar-se a si mesmo o empobrecia e desesperava. Como Narciso não tinha a mínima idéia de quem ele era e por isto não conseguia formar uma imagem a respeito de si mesmo, ao olhar no espelho das águas ele não conseguiu reconhecer sua própria imagem no que via. E como ele estava predestinado, apaixonou-se sem saber, por aquele que Narciso pensava ser uma outra pessoa.

Mas pesava sobre Narciso o vaticínio de vir a se conhecer, e foi assim que ele acabou descobrindo-se apaixonado por si mesmo. Percebeu e se desesperou com o

fato de que não existia um Outro, e esta constatação enredou Narciso em um conflito insolúvel: por um lado, a plenitude de ser quem ele mesmo ama não o satisfaz, e por outro, ele não pode separar-se de si mesmo. Esta percepção foi insuperável para Narciso, que padeceu até a morte, cumprindo o destino previsto por Tirésias.

Se pudermos fazer um paralelo desta tragédia com o conhecimento psicanalítico, poderíamos dizer que se não conhecemos a nós mesmos, não vivemos a vida e somos condenados a ser vividos por ela, exatamente da forma como esta foi escrita, nas linhas de nossa psique. Narciso cumpriu seu destino trágico. Estava previsto que ele não poderia vir a se conhecer, caso contrário morreria, impossibilitado que estava de suportar a percepção de sua realidade.

Mas acreditamos que nós, seres humanos, filhos de outros seres humanos, talvez tenhamos melhor sorte que Narciso e ao invés de estarmos fadados a um futuro enredado desde nosso nascimento e vaticinado por nossa genética e pelo ambiente em que fomos criados, podemos tentar pelo menos dar um destino diferente a nosso destino. Acreditamos que isto é possível na medida que tivermos a oportunidade e a capacidade de entrar em contato com nosso próprio mundo interno, de reconhecer nossos limites, nossos impulsos e nossas capacidades, tendo desta forma instrumentos para realmente propiciar um novo presente e um novo futuro para nossa vida. E talvez para que o homem possa crescer psiquicamente, vindo a ter um maior domínio sobre seus impulsos, para poder amar e se relacionar verdadeiramente com seus Outros significativos, para ter a percepção mais objetiva possível a respeito de si mesmo e para poder sentir-se inteiro e capaz, ele precise passar como Narciso, pela morte das ilusões e da onipotência.

Narciso nos remete à dor de virmos a nos conhecer e também à necessidade de passar por essas mortes internas ao longo deste processo sem fim de autoconhecimento. Mas parece que este é o destino inescapável do homem, que assim como na tragédia, está condenado a sentir dor e a morrer um pouco por dentro para se conhecer e crescer como ser humano.

Para concluir, citaremos algumas conclusões de Migliavacca (2000), a respeito do mito de Narciso:

Olhando este mito como modelo, pode-se dizer que a consciência faz com que o Narciso dentro de cada um morra ou sofra uma transformação. Se o tomarmos como representação de acontecimentos psíquicos de intenso dinamismo, podemos olhá-lo como uma expressão da necessidade de uma transformação profunda do indivíduo na relação com ele mesmo e assim, olhar a morte de Narciso com simpatia e com um profundo espírito de aceitação, pois esta morte tem um efeito libertador. (p.53)

8. A ANÁLISE DE UM CASO CLÍNICO

“O ego odeia, abomina e persegue, com intenção de destruir todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele, sem levar em conta que significam uma frustração quer da satisfação sexual, quer da satisfação das necessidades auto-preservativas. Realmente, pode-se asseverar que o verdadeiro protótipo da relação de ódio se originam não da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se.”

Freud

8. A ANÁLISE DE UM CASO CLÍNICO

8.1) APRESENTAÇÃO DE SESSÕES

Apresentaremos a seguir algumas porções de material clínico com vistas a ilustrar como vemos o narcisismo se manifestar na clínica. Com este intuito, selecionamos recortes de algumas sessões que julgamos relevantes da análise de um garoto, que na ocasião de nosso trabalho juntos tinha por volta de 7 anos, e que de agora em diante chamarei de F.

Primeira sessão (17 de Agosto):

Quando eu busco F na recepção ele estava esparramado no sofá ao lado de sua mãe. Eu o cumprimento, me apresento e o convido para entrar, perguntando se ele gostaria de brincar com algumas coisas que eu tinha na sala de atendimento. F mal me olha, mas vem atrás de mim sem pestanejar, entra na sala correndo, vai direto até minha cadeira, que fica atrás do divã, se instala e começa a girar, apoiando os pés na parede. Depois de alguns segundos ele para de girar, põe os pés para cima, se espreguiça e num tom teatral de satisfação, comenta: “nada mal!”, como se ele quisesse demonstrar que estava muito à vontade.

De repente F enxerga a caixa de brinquedos e antes de abri-la, diz desafiador: “aqui não tem brinquedo!” Eu pergunto: “como você sabe?” F então vai até a caixa, retira umas peças de madeira e virando as costas para mim avisa que vai montar um castelo. Eu observo que ele vai colocando as peças de uma forma que seu castelo sempre acaba desmontando, como por exemplo, peças menores ou cilíndricas para

apoiar peças maiores. Ele tenta algumas vezes, sempre de costas para mim, e como não consegue, vai se irritando e com raiva atira as peças para o lado e desiste.

F volta para a caixa e tira papel, lápis de cor e lápis de cera. Ele fica com o papel e joga de volta os lápis dentro da caixa. Então, se volta para mim e pergunta se eu tenho lápis grafite. Eu tiro uma lapiseira do porta-lápis entrego para ele. Ele então vê um abridor de cartas em formato de espada que estava também no porta-lápis, pega-o e com um golpe imitando uma luta, ele quebra a ponta da grafite. E olhando de soslaio para mim, como que esperando uma repreensão, R mais uma vez golpeia a grafite com a “espada”, devolvendo-a depois no porta-lápis.

F então se deita no chão de bruços com o papel e a lapiseira e me pergunta: “o que eu desenho?” Mas algo em seu olhar divagador me indicava que aquilo não era necessariamente uma pergunta, mas sim um pensamento em voz alta, mas de qualquer forma eu sugiro alguma coisa. Ele responde: “não, eu vou desenhar o que eu quiser, ta bom?”. O tom de voz era autoritário e eu digo: “parece que você está tentando me provar que quem manda aqui é você... mas de onde você tirou que alguém precisa mandar aqui?” F não responde.

F então desenha uma cobra com um olhar meio perverso que ocupa quase toda a folha e explica que aquela é uma cobra bem grande e venenosa. Ele continua desenhando e quando termina, aponta para o rabo da cobra e diz: “este é o chocalho com veneno, é uma cascavel.” F termina esta figura e diz que agora vai desenhando uma aranha de oito pernas, que ele de fato vai desenhando e contando perna por perna. Depois ele diz que vai desenhando mais um animal venenoso. E F desenha um escorpião, que me impressionou pela riqueza de detalhes.

No verso do papel ele desenha um muro alto e depois coloca um homenzinho em cima dele. Enquanto desenha, F vai explicando contente: “ele vai escravizar os animais; O chicote dele tem uma ponta venenosa para atingir o animal que desobedecer; O homenzinho está em cima do muro para ficar bem maior, porque ele é pequenininho.”

Depois que F termina o desenho ele me diz em tom de confissão: “eu estou tentando escravizar a minha mãe”. Eu observo o homenzinho do desenho, com cara de bravo e tão cheio de artifícios para parecer mais forte e maior, como um muro alto para subir e um chicote longo e com ponta venenosa, e me dou conta que aquele era um auto-retrato e que aqueles animais venenosos talvez representassem a forma como ele me via. F precisava me escravizar, assim como precisava escravizar a mãe e talvez tantos outros objetos externos, para aplacar o medo que ele sentia de todos animais perigosos que ele projetava nas pessoas à sua volta. Eu então interpreto: “você tem medo de virar escravo aqui?” F me olha surpreso mas não responde.

Seis meses depois (20 de fevereiro):

Hoje F veio para análise com a mãe, que ao me ver na sala de espera, pede para falar rapidamente comigo. Entramos os três e na sala de atendimento e eu conversei com a mãe por alguns minutos sobre uma troca de horários de F. Enquanto falávamos, notei que F se movimentava de um lado para outro pelo consultório. Foi até a cozinha procurar comida e voltou algumas vezes, o que ele sempre faz quando está angustiado.

Quando ficamos sozinhos na sala de atendimento, sem me olhar ele tira umas moedas do bolso, as espalha sobre a mesa e diz triunfante: “eu estou rico, eu tenho 9 moedas”. Algumas moedas caem no chão e F diz com um tom carinhoso: “vem cá, minhas queridinhas!” Ele recolhe as moedas, confere, e novamente se vangloria de estar rico. F então começa a girar uma moeda dourada e comenta: “ela girando parece um pomo de ouro, como o do Harry Potter”.

Eu digo: “você não gostou que eu e sua mãe falássemos de seus horários sem te consultar. Por isto sentiu-se diminuído, principalmente porque você ainda teve que ficar esperando pelo início da sua sessão...” F finge que não me ouviu e de repente exclama: “ah! Tive uma idéia! Vou fazer um desenho! Vou desenhar uma super-hiper-mega-digievolução”. F então explica que a super-hiper-mega-digievolução é um digimon chamado flameridramon, que é uma mistura do

famedraimon com o xvmon e o hidramon. F entusiasmado vai me explicando que o flameraidramon é um digimon do bem e ele luta contra os inimigos do mal. Ele é super poderoso porque nele está concentrada a força maior dos três digimons que o formaram. Um deles tem um raio azul que queima, outro tem um X no peito que produz um corte duplo e o outro tem uma cabeça bem dura que ele bate contra os inimigos. F continua explicando como surgiu o flameraidramon: primeiro os ovos de hidramon e do xvmon entram com toda força dentro do famedraimon e ele então evolui para o flameraidramon.

A figura ocupa todo o centro da folha e por cima dele, em letras garrafais está escrito FLAMERAIDRAMON. F sai todo satisfeito da sessão: ele era a própria figura híbrida que concentra dentro de si a porção mais forte e mais poderosa dos outros digimons; ele é do bem e tem a capacidade de destruir com seus atributos possantes todos os inimigos do mal. É o mais forte, o mais poderoso, o mais evoluído e portanto superior a todos e a tudo. Nada pode atingi-lo, muito menos o sentimento desconfortável de der sido excluído da minha conversa com sua mãe e a ansiedade de ter que esperar pelo início de sua sessão.

Um mês depois (18 de março):

Ao me ver na sala de espera, F disse desafiador “hoje eu não tenho psicóloga”. Eu pergunto, “se você não tem análise hoje, o que faz você aqui na sala de espera?” F responde: “eu vim ler revista.” Eu digo, “bom, se você mudar de idéia, eu estou te esperando lá dentro da sala”. Eu vou para a sala de atendimento e dentro de alguns poucos minutos, F aparece trazendo a revista que ele estava lendo na sala de espera. Ele entrou, não falou nada, nem mesmo respondeu às minhas perguntas e continuou lendo a revista. Eu o observava enquanto ele lia. F parecia absorvido na leitura, sua expressão mudava ao longo do tempo. Mas F não estava apenas tranquilamente lendo. Ele estava também ostensivamente me ignorando e tentando confirmar que ele havia mesmo vindo para não fazer análise. Resolvo aguardar e permaneço em silêncio, apenas observando.

Depois de mais ou menos vinte minutos, F interrompe bruscamente a leitura e corre para a cozinha. Eu permaneço na sala, aguardando a volta dele. F começa a demorar e a fazer muito barulho na cozinha. Diversos sentimentos persecutórios emergem em mim e numa tentativa pouco pensada de aplacá-los, vou até a cozinha verificar o que estava acontecendo. F lutava com o microondas, tentando esquentar uma fatia de pão. Quando ele vê que eu havia vindo atrás dele, em tom de comando solicita que eu ligue o microondas para ele.

Eu interpreto: “estou vendo que você quer me colocar no papel de quem precisa correr atrás de você para fazer meu trabalho. Assim você se sente superior. Você acha que ficar por baixo é uma desvantagem terrível, mas eu sei ficar por baixo, eu vim atrás de você, mas você não sai ganhando nada ficando por cima”. F com um ar de deboche diz: “lá vem você de novo com estas suas bobagens!”. F então desiste do microondas, sai correndo da cozinha e volta correndo para a sala de atendimento. Ele se tranca na sala e me deixa do lado de fora. Eu peço para ele abrir a porta, mas ele não responde. Eu experimento novamente muitos angustiantes sentimentos persecutórios, mas desta vez consigo me controlar e permaneço na sala ao lado, aguardando que F resolvesse abrir a porta, o que eu imaginava que não iria demorar muito. De fato passados uns 5 minutos, como ele viu que eu havia desistido, F abriu a porta. Eu fui até lá, mas não comentei o fato.

F volta continua em silêncio ostensivo, tentando ler o gibi. Mas ele está muito irritado para isto. Eu percebo que seu silêncio vai mudando de tonalidade e F vai se irritando cada vez mais, num crescendo. Ele então se levanta, pega um papel e começa a desenhar. Eu o observo e desta vez ele propositalmente permitiu que eu visse seu desenho antes dele terminar, o que não é habitual. F havia desenhado uma ave vermelha e amarela com ar triunfante e olhar afiado, com três chifres em formato de raio saindo da cabeça, e escreveu abaixo dela: “sou fênix”. Em seguida ele desenha uma cobra preta com detalhes vermelhos que está olhando de frente para a Fênix e acima desta figura escreve: “espírito maligno”.

F está sentindo muito ódio e projeta todo este ódio em mim, que sou imediatamente transformada dentro de sua mente em um espírito maligno,

assustador. Ele sente ódio e se retroalimenta de ódio. F então precisa da ilusão de ser forte e imortal para não sucumbir ao medo de conviver com tantos espíritos malignos que ele faz surgir à sua volta. O impulso de dominar e sentir-se superior serve bem ao propósito de colocar o inimigo sob seu controle, já que não pode liquidar com ele. O inimigo em liberdade é ainda mais ameaçador, por isto a necessidade de dominá-lo a qualquer preço.

Dois meses depois (20 de março):

F traz um desenho pronto de casa e ao entrar na sala, pede lápis de cor para colorir seu desenho. Quando termina, ele diz: “é para você”.

Eu olho o desenho e vejo dois animais olhando um para o outro. Não estavam com ar de guerra como normalmente aparecem as figuras de animais e de pessoas em seus desenhos, apenas se comunicavam, de alguma forma. Eu pergunto para ele: “será que estes dois não poderiam ser você e eu?” F concorda e me diz: “sabe como os digimons do choque falam uns com os outros?” E ele mesmo responde: “mandando choques, claro.” Eu pergunto: “então os choques são apenas uma forma de se comunicar?” F concorda e então escreve no desenho: De F, Para... e pergunta: “como é mesmo o seu nome?” Eu respondo e ele completa, De F; Para Adriana.

Eu imagino que agora, depois de sete meses trabalhando juntos ele começou a notar que eu possa ser alguém com um nome, não apenas um inimigo mortal e ameaçador fruto de projeção. É para mim uma esperança de que agora ele possa recolher um pouco suas projeções e começar a me ver mais como a pessoa que eu sou, não apenas como a figura perigosa de dentro da cabeça dele, podendo com isto vir a sentir-se menos ameaçado.

8.2) INFORMAÇÕES TRANSMITIDAS PELA MÃE

F veio para análise mediante uma solicitação da escola. Segundo a avaliação da orientadora, com a qual a mãe está plenamente de acordo, F é um garoto muito intolerante, que pode se tornar agressivo quando é contrariado. Devido ao seu temperamento, acabou se isolando e sendo isolado dos colegas da escola que não fazem questão de incluí-lo nas brincadeiras.

A mãe diz que em casa o comportamento do filho não é diferente. Ela relata que todos os dias é travada “uma verdadeira guerra” para que F acorde a tempo de ir para escola, para que escove os dentes após as refeições, para que não coma doces fora de hora, para que faça a lição de casa ou para que não fique o dia todo assistindo TV. Qualquer reprimenda ou solicitação que contrarie a vontade de F, ele reage de forma violenta. Grita, chuta, xinga, esperneia, bate a cabeça no chão ou chora compulsivamente até que seu desejo seja realizado, o que invariavelmente ocorre, pois ninguém da família ou os empregados conseguem lidar com o menino quando ele tem este comportamento.

Para convencer F a fazer algo, uma das estratégias da família é deixá-lo com medo, o que segundo a mãe, é a única coisa que faz com que o garoto mude de idéia. Por exemplo, se ele assistir televisão até tarde pode ficar cego, se ele mexer nisto ou naquilo uma barata vai aparecer e subir em sua mão, se ele gritar vem a polícia para prendê-lo e daí por diante. Uma outra estratégia que utilizam é oferecer trocas por coisas gostosas. Por exemplo, se ele escovar os dentes, pode comer mais torta de chocolate no dia seguinte, se ficar quieto, ganha um presente.

Já na primeira entrevista que eu tive com a mãe ela desabafou dizendo que estava “no limite de sua paciência”. Além do comportamento do filho e das queixas da escola, o marido está desempregado e fica em casa o dia todo em guerra com F, o que segundo ela, deixa as coisas ainda mais difíceis.

Na avaliação da mãe, o pai de F é autoritário e intransigente. Para exemplificar, ela contou que uma noite destas, ele tentava obrigar F a urinar antes de dormir. Ele berrava: “faz xixi!” e o menino respondia que não estava com vontade. O pai gritava cheio de ódio: “tem que fazer!” A mãe entra no banheiro e vê o menino acuado, chorando ao lado do vaso sanitário e o pai gritando, fora de si. Segundo a mãe, seu marido tem dificuldade de respeitar o filho e é comum que ele o obrigue a fazer coisas que não fazem sentido para o garoto, simplesmente porque na cabeça dele há uma regra que deve ser seguida, como ir ao banheiro antes de dormir, mesmo que o menino não esteja com vontade naquele momento.

8.3) COMO ENTENDEMOS ESTE MATERIAL CLÍNICO COM VISTAS A ELUCIDAR O FENÔMENO NARCÍSICO

Na interpretação do material clínico apresentado, vamos nos deter exclusivamente nos aspectos que julgamos relevantes para a compreensão do fenômeno narcísico que nos propusemos a estudar.

Podemos perceber o comportamento narcísico de F quando observamos que ele fica a maior parte do tempo voltado apenas para si mesmo, preso num isolamento produzido por uma incapacidade de estabelecer e manter vínculos afetivos, a sua necessidade onipotente de triunfar, ser superior e de colocar o outro sob seu controle, na intolerância à frustração e na presença constante do ódio e de sentimentos altamente persecutórios.

Na nossa avaliação, a tendência de F ao isolamento e à agressividade são conseqüências de sua incapacidade de lidar com os sentimentos advindos da percepção da existência em separado e da alteridade do outro, que em liberdade tem um modo de ser próprio, com sentimentos, necessidades e desejos que muitas vezes não coincidem com as expectativas de F, gerando inúmeras frustrações. Como F é imaturo psiquicamente e não consegue tolerar frustrações ainda que mínimas, a alternativa psíquica que lhe resta para escapar deste sentimento que é vivido como terrível e insuportável para o ego, é se isolar, negando a existência e a necessidade que ele tem do outro, ao mesmo tempo que de forma onipotente tenta controlar o objeto para que este passe a responder de acordo com o seu esquema pulsional, conseguindo assim, mesmo que na sua imaginação, eliminar magicamente as diferenças e conseqüentemente a frustração.

Como na prática nem sempre F consegue colocar o outro sob seu domínio, emergem automaticamente o ódio narcísico e a agressividade, que em última instância, são também outras tentativas de controle, que para F muitas vezes surtem efeito, como pudemos perceber no relato da mãe dizendo que quando ele

grita, chora e esperneia, normalmente o atendem, pois as pessoas em geral têm dificuldade de lidar com seus ataques de ódio. Desta forma F acabou constatando que ele poderia manipular e controlar o mundo a seu favor com sua ira, confirmando na realidade sua ilusão de onipotência: sua ira é sua força.

Na análise, F ostensivamente ignora a presença da analista e passa muitas vezes a maior parte das sessões desenhando ou brincando sozinho. Enquanto F se empenha em uma brincadeira solitária ou se concentra em seus desenhos, ele tem a ilusão de ter o total controle da situação e das regras: ele conduz as brincadeiras como bem quer e os personagens são exatamente o que ele tem em mente. Mas na realidade F não tem domínio sobre a mente da analista ou dos amigos, estes permanecem livres para ser, sentir, pensar e agir como e quando querem, o que é extremamente ameaçador para F.

Na sua mente, as relações nunca se dão de igual para igual, sempre haverá um que manda e outro que obedece, um superior e um inferior, um escravo e um senhor de escravos, um representante do bom e um representante do mau. Será sentido como mau todo aquele que não gratificar, oferecendo a F algum tipo de frustração e a analista é um objeto frustrante e ameaçador por natureza para F, posto que ela não se submete aos seus desejos de poder e de gratificação total e imediata. Por isto F sente ódio, projeta seu ódio, transforma a analista em um mau objeto para depois se sentir ameaçado e precisar alternadamente dominá-la, triunfar sobre ela ou se isolar, para escapar do perigo que este relacionamento lhe representa.

Pudemos observar esta atitude psíquica desde a primeira sessão de análise de F. Lembramos que no primeiro dia ele entrou sozinho e sem hesitar em uma sala desconhecida, com uma pessoa desconhecida, comportando-se como se estivesse totalmente à vontade. Na verdade este comportamento teatral servia aos propósitos psíquicos de encobrir a desconfortável angústia que ele deveria estar sentindo frente ao desconhecido da situação de uma primeira sessão de análise. Como F não podia ter noção do que se passava em seu mundo interno, muito menos se responsabilizar por seus sentimentos, restou a F projetar seu medo na

analista: na sua imaginação não era ele que estava desconfortável com sua própria angústia, a analista é que o estava ameaçando. Para se defender da ameaça representada pela analista, F começa a brincar sozinho de costas para a analista, ignorando-a: se o inimigo não existe, não há porque temê-lo.

Mas a negação não foi suficientemente forte para aplacar sua angústia. Ao contrário, a angústia persecutória foi crescendo e perto do final da sessão a analista já era percebida como um animal venenoso e perigoso. E agora F tem que lidar com um perigo sentido como real e concreto. Para F existem inimigos dentro da sala de análise, em casa, na escola e é para sobrepujá-los que ele recorre à mágica do controle onipotente.

Nesta sessão especificamente, F conseguiu dominar seu medo transformando-se, ainda que ilusoriamente, em um poderoso senhor de escravos capaz de subjugar todos os objetos maus. Mas ele tem uma noção, ainda que não consciente e verbalizada de sua pequenez, e é justamente isto que mais o apavora diante de tantas ameaças sentidas como reais e externas a ele. F então se cerca de artificios narcísicos para parecer maior e mais forte: o homenzinho constrói um muro e em cima dele se sente e parece ser maior; com seu longo chicote de ponta envenenada, se sente e parece ser mais poderoso.

Este olho esquizo-paranóide que imediatamente projeta angústias internas no mundo externo, é no nosso modo de ver, uma grande distorção narcísica na medida em que a realidade e o outro dentro da realidade não são para o sujeito como estes se apresentam, mas como se tornaram dentro de sua mente, fruto de projeção e onipotência. E a mais dramática consequência desta atividade psíquica que em última análise pode ser considerada como um distúrbio perceptivo fruto de distorção da realidade por incapacidade de observação, é a produção incessante e inconsciente de angústia persecutória, que em última instância paralisa o narcisista em um círculo vicioso de produção de medo, de ódio e de isolamento.

Esta atitude também aparece na terceira sessão que relatamos. Recordamos que F primeiramente tenta ignorar a presença da analista e sua necessidade da

análise: ele estava ali apenas para ler revista. Mas F não conseguiu aplacar sua angústia apenas com mecanismos de negação e a ansiedade vai crescendo. F muito angustiado vai procurar obter sua dor com comida e corre para a cozinha. Quando a analista vai a seu encontro, F imediatamente fica autoritário, pois sentiu que naquele momento havia colocado a analista sob seu controle: ela precisou ir atrás dele e agora F tem a sensação de que tem as rédeas da situação em suas mãos. Mas a analista com a interpretação de que seu controle era desnecessário, desmanchou um pouco sua ilusão de poder e F reagiu com muito ódio, trancando-se na sala de atendimento, numa nova tentativa de impor sua autoridade e manipular a analista. Mas como esta não demonstrou que estava dando importância ao fato dele ter se trancado na sala, F constata que seu artifício não havia surtido efeito e então recorre a um outro recurso defensivo para aplacar seu medo e seu ódio: F triunfou finalmente, transformando-se em uma Fênix imortal e inatingível, que independente do ataque de qualquer inimigo maligno, é capaz de renascer das cinzas.

Também podemos identificar a mesma atitude de triunfo na segunda sessão que transcrevemos. Provavelmente F se sentiu pequeno e apequenado pela atitude da analista e de sua mãe, que conversavam sobre seus horários sem consultá-lo ou incluí-lo na conversa. F sentiu-se excluído, com muito ódio e precisou se transformar em um triunfante e poderoso digimon, cuja força e superioridade lhe conferem poderes para lutar e vencer as forças do mal que parecem estar sempre à espreita, no caso de F.

Todas estas atitudes narcísicas conferem com uma forma esquizo-paranóide de perceber a si mesmo e ao mundo, e vimos que estas tendem a se amenizar, conforme descreveu Klein, na medida em que o sujeito se sinta capaz de tolerar alguma ansiedade depressiva, como a angústia e a culpa advindas do reconhecimento de que o objeto mau não está apenas no mundo externo e no outro, mas também dentro do seu próprio mundo interno. Em consequência, nasce a possibilidade de uma maior integração do Eu e dos objetos em seus aspectos tanto bons quanto maus e surge a chance de se interromper o círculo vicioso de medo, ódio e isolamento que mencionamos.

E o mesmo aconteceu com F. Em algum momento entre a penúltima e a última sessão que relatamos, a partir de uma conversa que tínhamos sobre o fato de que todas as pessoas, incluindo a analista e ele próprio, têm características que nós apreciamos e características que não nos agradam, F fez um desenho de um menino separado ao meio por uma linha divisória, sendo que do lado esquerdo ele era um anjo com auréola na cabeça, harpa na mão e uma placa indicando: “bem vindo ao céu!”, e do lado direito ele era um diabo com chifres, cauda, um tridente na mão e uma placa indicando: “bem vindo ao inferno!”

Sentimos que algo foi se transformando na mente de F ao longo destes turbulentos meses de análise que brevemente relatamos, o que podemos identificar como um começo, ainda que incipiente, de desenvolvimento psíquico. Percebemos este movimento através da última sessão descrita nesta dissertação quando F pergunta à analista seu nome, depois de 9 meses de trabalho juntos. F neste momento pôde se dar conta de que ele estava na presença de alguém que tinha um nome que não foi dado por ele, o que no caso de F, nos pareceu um grande progresso. Interpretamos esta atitude como fruto de menos projeção e o início de uma atividade de observação de cunho mais depressivo que esquizo-paranóide, o que nos deixou com a esperança de que com o tempo F possa vir a tolerar melhor a realidade e suas limitações, e com isto sentir-se menos perseguido e amedrontado, podendo então abrir mão de suas gigantescas defesas narcísicas e ser um garoto mais livre e mais forte, verdadeiramente.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Vai, vai, disse o pássaro: o gênero humano
Não pode suportar tanta realidade.”

T.S.Eliot

9) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos ao longo desta dissertação que o narcisismo é um fenômeno psíquico que está presente em todo o psiquismo humano e percorre um largo espectro que vai da normalidade à patologia, sendo que a manifestação de atitudes narcísicas pode ser desde estruturante e fundamental para a construção do ego, até alienante e a favor da pulsão de morte.

Tratamos nesta dissertação de focar o narcisismo como um mecanismo de defesa que é acionado com a intenção inconsciente do psiquismo de compensar fragilidades ou falhas egóicas, entendendo que o grau de emergência de atitudes narcísicas é inversamente proporcional ao grau de desenvolvimento psíquico e à integração do ego, considerando desenvolvimento psíquico a capacidade crescente de uma mente de tolerar e elaborar ansiedades depressivas, conforme postulou a teoria kleiniana.

Sabemos que este enfoque que demos ao narcisismo abarca apenas uma parte da questão. Autores como Rosenfeld (1971) e Steiner (1987), por exemplo, se detiveram mais no aspecto da patologia e descreveram uma forma narcisismo destrutivo que seria fruto da emergência de fontes internas de destrutividade, que aliado a traços invejosos e perversos de personalidade, funcionaria menos como uma defesa e mais como um ataque aos bons objetos internos e externos, constituindo uma espécie de organização patológica da personalidade.

As manifestações clínicas do narcisismo destrutivo descritas por Rosenfeld (1971) como a onipotência do pensamento, a idealização, a cisão de aspectos bons e maus com o engrandecimento do *self* e a destruição do objeto dentro da mente do

sujeito através da projeção, a presença de traços obsessivos, a pouca discriminação entre Eu-Outro e entre mundo interno e mundo externo, a intolerância à realidade e à alteridade do outro e a incapacidade de elaborar angústias depressivas são movimentos psíquicos semelhantes aos que observamos nos estados narcísicos que surgem como defesa pelo não desenvolvimento de um Eu firmemente integrado e estabelecido. Esta constatação vem corroborar nossa idéia de que a emergência de atitudes narcísicas, além de ser consequência do pouco desenvolvimento psíquico, também se torna um empecilho à constituição do Eu, pois todo narcisismo, independente de sua origem, acaba contribuindo, em diferentes graus, para a desintegração do *self*, a destruição das relações objetais, a instalação do ódio e o surgimento de angústias paranóides. Estamos nos referindo a níveis variáveis de destrutividade pois no caso das organizações patológicas em que o narcisismo funciona menos como uma defesa e mais como um ataque aos aspectos libidinais e amorosos do *self*, seu efeito destrutivo é ainda mais devastador que no narcisismo mais defensivo e menos disruptivo que tratamos nesta dissertação. Isto se deve principalmente à presença de poderosos componentes invejosos e perversos e ao alto grau de organização das defesas nestas estruturas descritas por Rosenfeld (1971), produzindo prognósticos psíquicos bem mais nefastos nestes casos. Percebemos que ao contrário do narcisismo destrutivo, quando o fenômeno narcísico surge por falta de desenvolvimento psíquico, os aspectos invejosos e perversos da personalidade podem interferir na formação de vínculos afetivos e nas relações objetais, mas sua presença e atuação não dominam todo o psiquismo e não exercem uma influência tão preponderante e maligna a ponto de levar à paralisação do processo de desenvolvimento psíquico e da análise.

Para concluir, gostaríamos de citar um questionamento de Freud (1914) que no nosso modo de ver resume aquilo que chamamos de o grande paradoxo do narcisismo, que é ser ao mesmo tempo causa e consequência da falta de se ter constituído um sentimento de identidade e um senso de capacidade do Eu com o qual contar frente a dificuldades impostas pela realidade interna e externa, mas que nas palavras de Freud, nos pareceu muito melhor dito:

Aqui podemos até mesmo aventurar-nos a abordar a questão de saber o que torna absolutamente necessário para a nossa vida mental ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos. A resposta decorrente de nossa linha de raciocínio mais uma vez seria a de que essa necessidade surge quando o [investimento] do ego com a libido excede certa quantidade. Um egoísmo forte constitui uma proteção contra o adoecer, mas, num último recurso, devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência da frustração, formos incapazes de amar. Isso acompanha mais ou menos os versos do quadro que Heine traça sobre a psicogênese da Criação: Imagina-se Deus dizendo: a doença foi sem dúvida a causa final de todo anseio de criação. Criando, pude recuperar-me; criando, tornei-me saudável. (p.92).

Não é por outra razão que acreditamos firmemente que é imprescindível em análise que nós analistas possamos ajudar nossos pacientes a amadurecer psicicamente, para que possam sentir e perceber o mundo externo e o Outro da forma mais objetiva possível, para que sejam capazes de formar vínculos afetivos verdadeiros e para que, apesar das inúmeras frustrações e limitações que a vida humana nos oferece, ainda assim possam sentir-se satisfeitos, pois ao reconhecermos e aceitarmos o fato de que estes aspectos mais dolorosos e desprazerosos da vida existem e nos acompanharão para sempre, poderemos descobrir que estes também vêm acompanhados de outros gratificantes como o amor, o companheirismo, a realização e a esperança. Mas para isto, precisamos passar, como Narciso, pela dor da perda das ilusões e da onipotência, e ao contrário dele criar condições psíquicas para suportar e elaborar a dor desta ferida aberta em nosso próprio Eu de sermos humanos e não deuses, e por isto em algumas circunstâncias nos veremos mesmo impotentes, dependentes e em sofrimento. E sobreviver, sentindo a dor e a delícia de estarmos vivos e sermos seres humanos, podendo experimentar, sem a necessidade do grosso escudo protetor do narcisismo, toda satisfação e toda a dor da vida, na sua ambiguidade e na sua plenitude.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATHANASSIOU, C . A constituição e a evolução das primeiras identificações. *In Rev. Franç. Psychanal.* Trad. Marilda Pedreira e Nilde J. Parada Franch. 1982. v.46, p.1187-1209.
- BALINT, M. (1968). *A falha básica, aspectos terapêuticos da regressão.* Trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- FERRO, A. *A técnica na psicanálise infantil.* Trad. Mercia Justum. Rio de Janeiro, Imago, 1995.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1969. v.7, p.123-251.
- FREUD, S. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1969. v.11, p.53-58.
- FREUD, S. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides). *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1969. v.12, p. 15-108.
- FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1969. v.14, p.82-119.

FREUD, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1969. v.14, p.117-144.

FREUD, S. (1917). Luto e Melancolia. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1969. v.14, p.271-291.

FREUD, S. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1969. v.18, p.13-75.

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1969. v.18, p.79-154.

FREUD, S. (1923). O ego e o id. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1969. v.19, p.13-83.

FREUD, S. (1938). Esboço de psicanálise. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Trad. sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1969. v.23, p.163-168.

GALLEGO, L.(2001). Narciso Perscrutado: a importância do corpo na cultura contemporânea e suas manifestações clínicas. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, 2001. v.35, nº 3, p.763-780.

GREEN, A. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo, Escuta, 1988.

- HEIMANN, P. Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância. In: *Os progressos da psicanálise*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1982. p.136- 184.
- JONES, E. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Imago, 1989.
- JOSEPH, B. (1985). A inveja na vida quotidiana. In: *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro, Imago, 1992. p. 185-194.
- JOSEPH, B. (1988). Relações de objeto na prática clínica. In: *Equilíbrio psíquico e mudança psíquica*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro, Imago, 1992. p. 205-216.
- KLEIN, M. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum e outros. Rio de Janeiro, Imago, 1985. p. 301-329.
- KLEIN, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum e outros. Rio de Janeiro, Imago, 1985. p. 17-43.
- KLEIN, M. (1952). As origens da transferência. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum e outros. Rio de Janeiro, Imago, 1985. p. 70-79.
- KLEIN, M. (1952A). Influências mútuas no desenvolvimento de ego e id. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum e outros. Rio de Janeiro, Imago, 1985. p. 80-84.

- KLEIN, M. (1958). Sobre o desenvolvimento do funcionamento mental. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum e outros. Rio de Janeiro, Imago, 1985. p. 270-279.
- KLEIN, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum e outros. Rio de Janeiro, Imago, 1985. p. 20-43.
- KOHUT, H. *Psicologia do self e a cultura humana*. Porto Alegre, Artes médicas, 1988.
- KURY, M.G. (1989). *A trilogia tebana*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- LESKY, A. *A tragédia grega*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- MAHLER, M. *O nascimento psicológico da criança*. Porto alegre, Artes Médicas, 1993.
- MIGLIAVACCA, E. *Mitologia grega, uma luz sobre a apreensão psicanalítica da realidade mental*. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- MIGLIAVACCA, E. O trágico no mito de Narciso. In *Mudanças*, 2000.
- NOGUEIRA, P.O. *Uma trajetória analítica*. Goiânia, Dimensão Editora, 1993.
- OVID. *Metamorphoses*. Trad. Mary M. Innes. London, Penguin Books, 1955.
- PARKER, I. (1996). Qualitative research. In: *Qualitative methods in psychology - a research guide*. Philadelphia, Open University Press, 1996.

ROSENFELD, H. (1971) Uma abordagem clínica para a teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte: uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo. In: *Melanie Klein Hoje*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro, Imago, 1991. v.1, p.243-259.

SAFRA, G. Pesquisa com material clínico. In: *Psicanálise e Universidade - Atas do primeiro encontro de pesquisa acadêmica e psicanálise*. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1994.

SEGAL, H. *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.

STERN, D. *O mundo interpessoal do bebê*. Porto alegre, Artes Médicas, 1992.

STEINER, J. (1987) O interjogo entre organizações patológicas e as posições esquizo-paranóide e depressiva. In: *Melanie Klein Hoje*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro, Imago, 1991. v.1, p.329-347.

VERNANT, J.P; NAQUET, P.V. (1981). *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo, Perspectiva, 1999.

WINNICOTT, D.W. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.